

Anexos

Lista de Anexos:

Anexo 1 – Projecto Pedagógico de sala, Educadora de creche

Anexo 2 – Projecto Curricular de Turma, Educadora de jardim-de-infância

Anexo 3 – Guião da entrevista

Anexo 4 – Planta da sala, contexto de creche

Anexo 5 – Planta da sala, contexto de jardim-de-infância

Anexo 6 – Transcrição da entrevista à educadora de creche

Anexo 7 – Transcrição da entrevista à educadora de jardim-de-infância

Anexo 8 – Notas de Campo

Anexo 1

Projecto Pedagógico de sala, Educadora de creche

1. Filosofia Educativa

“ Os Modelos Curriculares incorporam uma visão integradora dos fins da Educação e das fontes do currículo, dos objectivos e dos métodos de ensino, dos métodos e da organização do espaço e do tempo escolar.¹”

Um Modelo Curricular explica como as crianças se desenvolvem e aprendem, sobre a melhor forma de organizar os recursos e oportunidades de aprendizagem para as crianças.

Toda e qualquer educadora identifica-se e “segue” um determinado modelo curricular. Pessoalmente o Modelo Curricular de Orientação Cognitivista é o currículo com o qual mais me identifico e do qual aplico alguns objectivos e estratégias na minha sala.

O COC (Currículo de Orientação Cognitivista) tem como objectivo permitir a cada criança desenvolver as suas capacidades físicas, cognitivas e socio-emocionais, possibilitando a construção do conhecimento, a resolução de problemas, a sociabilidade e a autonomia, na medida em que, o conhecimento constrói-se pela acção e pela interacção ente pessoas e objectos, num ambiente rico em situações de aprendizagem.

O COC é um currículo de estrutura aberta que prevê uma articulação equilibrada entre as iniciativas do educador e da criança.

Como já foi referido, este currículo não é seguido a 100%, na medida em que só aplico alguns objectivos e métodos do mesmo. No entanto, em parceria com estes métodos, articulo alguns instrumentos de regulação do grupo do Movimento da Escola Moderna, que considero que enriquecem o ambiente físico da sala, não esquecendo porém as necessidades e os interesses das crianças. Contudo esta articulação é coerente, pois não mistura aspectos que em tudo diferem.

Ser educador de infância é dar oportunidades às crianças de realizarem as suas experiências, estimulando e valorizando a aprendizagem activa por parte destas. Como tal, o educador é um observador participante, consciente da importância do seu papel, reconhecendo quais as necessidades, interesses, competências e dificuldades das crianças, às quais lhes deve oferecer apoio e colocar novos desafios.

¹ BRONWN, Patrícia; FORMOZINHO, Júlia; LINO, Dalila; NIZA, Sérgio; SPODEK, Bernard. Modelos Curriculares para a Educação de Infância. Porto Editora.1996.

A infância é uma etapa valiosa e única no ciclo da vida. A minha principal responsabilidade como educadora é garantir ambientes seguros, saudáveis, estimulantes e desafiantes para todas as crianças. Assumir o compromisso de estimular o seu desenvolvimento, valorizando as diferenças individuais, ajudando-as a aprenderem a viver e trabalhar cooperativamente e promovendo a auto-estima.

Assim, eu como Educadora de Infância apoio o desenvolvimento das crianças através:

- Da organização do ambiente e das rotinas para que as crianças aprendam através da acção;
- Da criação de um clima em que predomine a interacção social positiva;
- Do incentivar a resolução de conflitos e problemas;
- Da observação, registos e interpretação das acções realizadas pelas crianças;
- Do planear experiências que tenham como ponto de partida as acções e os interesses das crianças;
- Do ajudar as crianças a observar e a interpretar vivências da sua relação com o meio envolvente;
- Da descoberta e da construção do saber pela acção;
- Do respeito e valorização da identidade cultural da criança e do seu meio.

Através desta perspectiva defendo que através destas estratégias alcanço aquilo que defendo que as crianças devem adquirir/conquistar ao longo do seu percurso escolar, ou seja, que estas consigam ser:

- **Autónomas**
- **Curiosas**
- **Criativas**
- **Inteligentes**
- **Confiantes**
- **Alegres**
- **Questionadoras.**

Acredito que o acto educativo é um processo interactivo, dinâmico e globalizante, que pressupõe não só a participação da instituição, mas também da família e da comunidade em geral.

A primeira infância é a base do progresso bem sucedido numa vida posterior, é início de uma jornada de realização. Para dar resposta à primeira infância existe a valência que se determina pelo nome de creche. A creche é a valência que dá resposta a crianças entre os 4 meses e os 3 anos. A função da creche não é apenas a de “tomar conta” das crianças, nem tão pouco prepará-las para o Pré-escolar. Para além da função de guarda e da prestação de cuidados, a creche assume uma função educativa. É segundo *Gabriela Portugal, (2000), “Uma fusão de cuidados e educação”*. A função educativa da creche deve de ser entendida como uma acção promotora de desafios, geradora de desenvolvimento de novas competências que deverá decorrer num contexto rico em estimulação e interacções. Como tal ser educador em creche exige que eu seja seja ALGUÉM QUE ...

- É conhecedor, que tem conhecimentos, é experiente, que esclarece, que sabe o que fazer...

ESTIMULAÇÃO CORRECTA

- Que ajuda, transmite confiança, apoia, tem calma, compreende...SENSIBILIDADE
- Que dá oportunidade de escolha, respeita os gostos, as ideias, as emoções...AUTONOMIA

2. Organização do Ambiente Educativo

2.1. Caracterização do grupo de crianças

O grupo da sala Lilás é composto por 11 crianças dos 12 aos 22 meses. Oito crianças já frequentavam a instituição desde o ano passado. Foram feitas por isso 3 adaptações de crianças novas.

O grupo que veio do ano passado transitou para a sala com um adulto de referência (Auxiliar de educação) e adaptou-se bem a um novo espaço e a novos adultos, apesar das primeiras semanas ter sido difícil de fazer a separação com a família. Existe apenas uma criança que “exige” muito a presença do adulto perto dela, o que por vezes não se torna possível e disso destabiliza -a u m pouco chorando muito. As três adaptações correram bem, as crianças fizeram bem a separação das famílias e sentiram-se seguras neste novo espaço e com adultos e crianças novas.

O grupo é reduzido, pois existe uma criança com Necessidades Educativas Especiais. Esta criança recebe apoio de uma educadora de Ensino especial da Cercima, duas vezes por semana.

O grupo é calmo, gosta de explorar muito os materiais da sala e já conseguem sentar-se na manta e ouvir uma ou duas canções ou uma pequena história, sem dispersar

A hora das refeições e higiene são tranquilas e feitas respeitando o ritmo individual de cada criança.

Valência	Sala	Idade	Meninos	Meninas	Crianças c/ N.E.E.	Total
Creche	Lilás	12 e os 22 meses	5	6	1	11

2.2. Organização de Espaços e materiais

As crianças precisam de espaço em que aprendam com as suas próprias acções, espaço em que se possam movimentar e que possam construir, escolher, criar, espalhar, experimentar, fingir, trabalhar com os amigos, trabalhar sozinhos e em pequenos e grandes grupos.

A Sala Lilás é uma sala ampla que tem capacidade para 12 crianças dos 12 aos 24 meses. A sala encontra-se dividida por uma sala onde se faz a higiene das duas salas de 2º Berçário (Ver anexo1).

Espaço interior		
Moveis	Materiais	Necessidades
1 móvel de arrumação 2 mesas e 12 cadeiras	Tapetes antiderrapantes Esponjas (ginásio) Brinquedos diversos 1 bola	Cozinha Jogos de encaixe Jogos de enfiamento Livros de imagens reais
Espaço Exterior		
-----	Triciclos Escorrega Casinha	Rede de protecção (vedar o recinto de brincadeira)
Objectivos <u>Explorar activamente o ambiente imediato e os elementos que nele configuram, atribuindo-lhe significado</u>	Estratégias Observação do espaço sala e recreio, posteriormente o salão, cozinha e as salas da valência de creche e pré-escolar <u>Exploração livre dos materiais</u> Identificação dos locais de arrumação com fotografias reais dos brinquedos Iniciação de uma actividade cooperada na recolha e arrumação dos brinquedos	Avaliação Registo no Inventário da sala

2.3. Organização do Tempo

A existência de uma rotina diária numa sala de creche é bastante importante, na medida em que permite à criança antever aquilo que se irá passar a seguir, o que lhes dá um grande controlo sobre aquilo que fazem a cada momento do seu dia.

Sendo assim “o dia-a-dia na creche deve fluir normalmente sem rigidez nem stress, de forma a que as experiências de aprendizagens se insiram nos momentos espontâneos de um quotidiano feliz e sem pressas”²

Rotina da Sala Lilás:

7:30 H Acolhimento

9:00 H Entrada na Sala

Brincar social espontâneo

10:00H Momento de manta//Actividades propostas

Brincar social espontâneo/Actividades propostas

10:40 H Arrumar

Higiene

11:00H Almoço

12:00H/14:30H Repouso

15:00 H Lanche

Higiene

Brincar social espontâneo

17:30H/19:00H Saídas

² Cadernos de educação de infância, nº 48, Lisboa, Edição APEI.ISSN dez.98.- “Ser educador na creche”.

Objectivos	Estratégias	Avaliação
Regular progressivamente o seu comportamento nas propostas de jogo, rotinas e outras actividades	Adaptação às sequências temporais falando sempre do que vai acontecer Cooperação nas actividades diárias, na realização de actividades e regras de jogo	Observação e registo

2.4. Trabalho com as famílias

“O lar é o primeiro ambiente de aprendizagem com que a criança contacta”³. Como tal, uma relação próxima com a família garante, sem margem para dúvidas uma articulação e acção coerente entre ambos os agentes educativos. Sendo assim, a Sala Lilás pretende ser uma sala aberta e disponível para a participação activa dos pais no dia-a-dia dos seus filhos, pois pais e educador devem de unir conhecimentos/opiniões para que em conjunto se trabalhe com o objectivo de proporcionar um ambiente agradável e seguro, de forma a que juntos sejamos parceiros complementares que têm em vista um fim comum, ou seja, contribuir para o desenvolvimento global da criança.

Reconheço que actualmente se vive numa luta contra o tempo e os pais alegam indisponibilidades várias para não participarem no dia-a-dia dos seus filhos na creche. Contudo há que estimular os pais ou até os avós para estes frequentarem a instituição não só para levar e buscar os seus filhos/netos, mas também para participarem na rotina diária dos mesmos, pois por vezes para alguns pais o que se faz numa sala de creche é uma incógnita, ou pensa-se que somente brincam, comem, dormem e se lhes é mudada a fralda. A creche é muito mais do que isso, pois é através do brincar social espontâneo, tendo o educador como mediador da exploração dos brinquedos que a criança conquista competências básicas, como tomar decisões, expressar os seus sentimentos e emoções, aprende a conhecer-se a si e aos outros, assim como explora o mundo dos objectos, das pessoas, da natureza e da cultura. Aprende a criar, a experimentar diferentes situações, bem como o solucionar os seus problemas.

Num bom trabalho entre a instituição e a família todos saem a ganhar, principalmente as crianças, na medida em que é através deste contacto que o educador percebe as expectativas dos pais face à instituição e ao trabalho que nela se desenvolve, bem como faz com que os pais compreendam o funcionamento da instituição, e tomem conhecimento que podem influenciar na tomada de decisões da sala e da instituição e que podem participar no progresso dos seus filhos.

A hora de atendimento aos pais é das 16H às 17 horas, de segunda a sexta-feira.

³ In BRICKMAN; Nancy Altman; TAYLOR; Lynn Spencer – Aprendizagem Activa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1996.

Objectivos	Estratégias	Avaliação
Incentivar a participação das famílias no processo educativo	Criação de uma comunicação aberta Realização de reuniões de Pais (3 reuniões por ano lectivo) Integração da família da criança na rotina da sala,;	Participação na “vida” da instituição /Sala Presença nas reuniões e festas da instituição Realização dos trabalhos de casa

2.5. Trabalho com a Comunidade

A instituição e a comunidade representam dois agentes de socialização para a criança, que lhe proporcionaram vivências e experiências gratificantes e significativas. A criança aprende a conhecer, a valorizar e a preservar a comunidade a que pertence, construindo a sua própria identidade de forma enriquecedora, num ambiente propício para tal.

Desta forma, irei promover o desenvolvimento da criança como um processo integrado que se realiza através da interacção criança-meio, onde se trabalha numa perspectiva aberta e cooperada com a comunidade, baseada no respeito e na interajuda de forma alargada e enriquecedora pelas aprendizagens das crianças.

Objectivos	Estratégias	Avaliação
Estabelecer relações de efectiva colaboração com a Comunidade.	Exploração do meio envolvente à instituição	Registo escrito, audiovisual e fotográfico

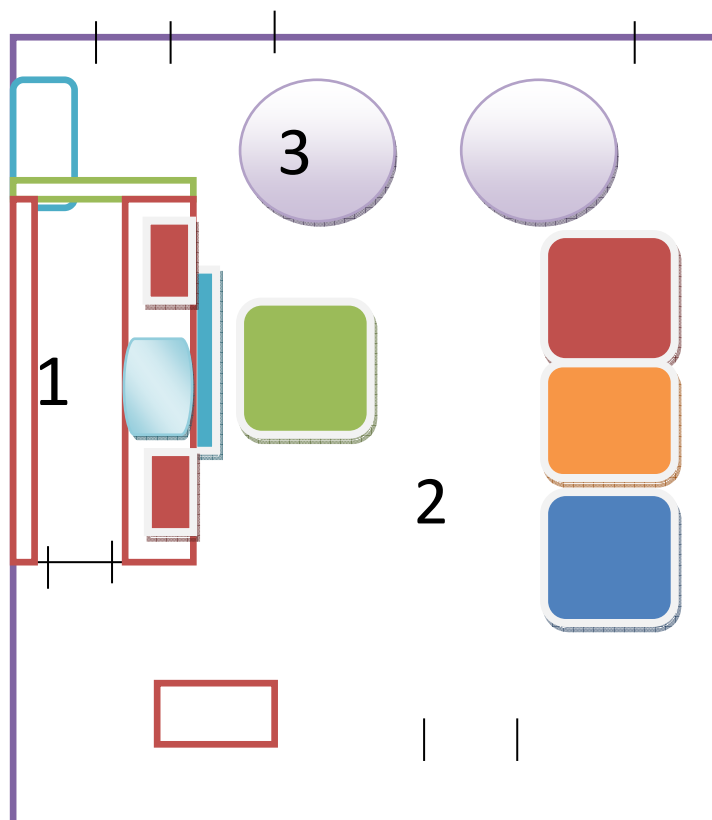
2.6. Trabalho de Equipa

Sendo o trabalho de equipa uma fonte de decisões, ideias e aprendizagens diversas que vão influenciar o funcionamento de uma instituição e melhorar a qualidade das respostas que são oferecidas à criança e à sua família, o trabalho de equipa na instituição deve ser uma constante.

A equipa pedagógica da Sala Lilás é composta por uma educadora e duas auxiliar de educação. Existe ainda uma técnica de acção educativa que está a realizar um estágio profissional e que irá estar connosco até ao final do ano lectivo, dando apoio às duas salas de 2º berçário, uma semana em cada sala.

Objectivos	Estratégias	Avaliação
Estabelecer uma comunicação aberta, onde se partilha saberes e experiências	Realização de reuniões quinzenais para planeamento de actividades e resolução de problemas Participação em acções de formação Realização de actividades em conjunto com as Salas de creche e Pré-escolar	Observação e registo Participação e envolvimento nas festas e reuniões

Anexo 1- Planta da Sala Lilás



Legenda:

1- Bancada das mudas

2-- Área de jogo

3 - Área de refeições/actividades

Bibliografia

- Projecto Creche –Livro guia 0-2 anos- Educação para a infância. Grupo Rafa
- Criança, Famílias e creches, uma abordagem ecológica da adaptação do bebé à creche. Gabriela Portugal. Porto Editora.
- Educação de bebés em infantários. Cuidados e primeiras aprendizagens. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa
- Cadernos de Educação de Infância
- Como organizar e equipar um ambiente na creche. Educação pré-escolar. Colecção "Mais"

Anexo 2

Projecto Curricular de Turma, Educadora de jardim-de-infância

I - FASE DIAGNÓSTICA

1. Constituição do Grupo/Turma

Nº	Nome	Sexo		Idade				a)	b)	Anos de Frequência		
		F	M	3a	4a	5a	6a			1ªvez	2ªvez	3ªvez
1	Daniel Gameiro Lopes		X				X		X		X	
2	Bruna Raquel Cidades Santos	X					X		X	X		
3	Carolina Filipa Cidades Santos	X					X		X	X		
4	Rodrigo Teixeira Letras		X			X				X		
5	Leonor Massano Gomes	X				X					X	
6	Joana Pereira Tátá Santos Silva	X				X				X		
7	Francisco Leandro Silva Francisco		X			X				X		
8	Joana Rita Gonçalves Moura	X				X				X		
9	Carolina Almeida Pica	X				X				X		
10	João Florindo Les		X			X				X		
11	Diogo Henrique Nunes dos Santos		X			X				X		
12	Sara Branco Pacheco	X				X				X		
13	Ana Carolina Marques Fradique	X				X					X	
14	Nicole Alexandra Borges Batista	X				X					X	
15	Simão Alexandre A. Caramelo		X			X				X		
16	Eduardo Costa Sousa		X			X				X		
17	Madalena Calado Chaves da Eira	X				X				X		
18	Plemas Uninto Vicente Nanau	X				X				X		
19	Gabriel Filipe Varela		X			X				X		
20	Duarte Dias Lourenço		X			X				X		
21	Ana Carolina de Carvalho Claro	X				X				X		
22	Rafael dos Santos Silva		X			X				X		
23	Afonso Maria Venturinha Alves		X			X				X		
24	Inês Alves Ribeiro	X				X				X		
25	Marta Borda d'Água Tavares	X			X					X		
Totais:		14	11		1	21	3			21	4	

a) Adiantamento da Escolaridade Obrigatória

b) Alínea h) – matrículas

2. Dados relativos ao Agregado Familiar

Nº de aluno	Agregado familiar				Mãe			Pai		
	Nº irmãos	Pai	Mãe	Outro	Profissão	H. Literárias	Idade	Profissão	H. Literárias	Idade
1	1	x	x	-	Contabilidade	12º ano	32	Militar	12º ano	34
2	2	x	x	Avó	Empregada limpeza	9º ano	32	Mecânico	4º ano	33
3	2	x	x	Avó	Empregada limpeza	9º ano	32	Mecânico	4º ano	33
4	-	x	x	-	professora	licenciatura	38	Engenheiro telecomunicações	licenciatura	33
5	-	x	x	-	Auxiliar acção educativa	12º ano	36	Motorista	9º ano	37
6	1	x	x	-	Auxiliar acção educativa	9º ano	42	Engenheiro civil	bacharelato	37
7	1	x	x	-	-	-	40	Motorista taxi	-	41
8	-	x	x	-	Ajudante acção directa do RSI	12º ano	29	Operário fabril	9º ano	36
9	-	x	x	-	Administrativa/contabilidade	12º ano	36	Engenheiro civil	bacharelato	37
10	1	x	x	-	Empregada limpeza	10º ano	35	Motorista	12º ano	39
11	-	-	x	Padrasto	Analista seguros	Licenciatura a gestão	35	Advogado(padrasto) Informático(pai)	Licenciatura 12º ano	36 33
12	1	x	x	-	Sénior supervisor	Licenciatura a turismo	34	TOC	Bacharelato a gestão	35
13	1	x	x	-	Hospedeira de terra	12º ano	39	Encarregado obras	12º ano	29
14	1	x	x	-	Escriturária	12º ano	32	Oficial barbeiro	9º ano	35
15	1	x	x	-	Escriturária	9º ano	28	Técnico pneus	8º ano	30
16	-	-	x	-	Estagiária	12º ano	29	Desempregado	12º ano	33
17	-	x	x	-	Veterinária	licenciatura	30	Engenheiro agrónomo	licenciatura	33
18	4	x	x	-	Copeira	nenhuma	33	-	nenhuma	43
19	2	-	x	-	Operadora supermercado	12º ano	32	-	4º ano	32
20	-	x	x	-	Administrativa	12º ano	35	Informático	12º ano	33
21	1	-	x	Padrasto	Operadora de loja	12º ano	30	Vendedor	9º ano	36
22	-	x	x	-	Chefe divisão	licenciatura	34	Técnico telecomunicações	9º ano	35
23	2	-	x	-	Técnica saúde ambiental	licenciatura	40	Técnico manutenção	9º ano	40
24	1	x	x	-	Formadora	12º ano	41	Inspector automoveis	12º ano	35
25	1	x	x	-	coordenadora	licenciatura	37	Técnico electrónica desempregado	12º ano	36

3. Caracterização Geral do Grupo

Quadro a)

Dificuldades	Nº de crianças	Com apoio	Sem apoio	Dec.-lei nº3/2008	Observações
Visuais	1	-	x	-	Falta de vista, usa óculos, sem necessidade de apoio
Auditivas	-	-	-	-	-
Motoras	-	-	-	-	-
Linguagem/comunicação	3	1	-	-	Referenciei duas crianças para terapia da fala.
Psicológicas	1	x	-	-	Já vinha seguida em apoio psicológico por problemas comportamentais.
Autismo	-	-	-	-	-
Comportamentais	-	-	-	-	-
Atraso Global no Desenvolvimento	-	-	-	-	-

Quadro b)

Nº de alunos	ASE	Problemáticas Sociais	Socioeconómicas
6	Escalão A		
0	Escalão B		
2		Vivem só com um progenitor	
2		Vivem com mãe e padrasto	
1		Progenitores que pouco falam ou percebem a língua portuguesa	

4. Perfil/Diagnóstico do Grupo

a) Área de Formação Pessoal e Social

Com aquisições já feitas:

Interagem com os seus pares; Escolhem a área ou actividade; Nomeiam e identificam a área; São capazes de arrumar; São independentes; Têm hábitos de higiene pessoal; Interessam-se pelas actividades.

Com aquisições emergentes e/ou ainda por fazer:

Cooperar com os outros; Respeitar as regras de grupo; Iniciar e concluir a actividade que iniciou.

b) Área da Expressão e Comunicação

Com aquisições já feitas:

Domínio da língua e abordagem à escrita

Dizem o seu nome; Dizem a sua idade; Utilizam o pronome pessoal "eu"; Gostam de ouvir histórias; Comunicam facilmente com outras crianças e adultos; Respondem ao que lhes é solicitado; Sabem o seu género;

Domínio da matemática

Identificam as cores primárias; Nomeiam as cores primárias; Noções de em cima/em baixo, dentro/fora, dia/noite; Contam com sequência até 10; Identificam alguns números; Formam conjuntos.

Domínio da expressão motora

Marcham Coordenadamente; Correm coordenadamente; Contornam obstáculos; Utilizam predominantemente a mão direita; Conseguem fazer jogos de encaixe; Pegam correctamente no lápis/marcador; São capazes de rasgar;

Domínio da expressão dramática

(nenhuma a designar)

Domínio da expressão plástica

Utilizam adequadamente os materiais disponíveis.

Domínio da expressão musical

Cantam; Distinguem dois sons diferentes; Identificam sons do meio envolvente; Reproduzem sons.

Com aquisições emergentes e/ou ainda por fazer:

Domínio da língua e abordagem à escrita

Identificar o seu símbolo/nome; Escrever o seu nome; Articular correctamente; Desenhar a figura humana com mais de 3 elementos.

Domínio da matemática

Conseguir realizar puzzles de 2 a 10 peças; Noções de Ontem /Hoje; Fazer Classificações /seriações.

Domínio da expressão motora

Lançar e receber a bola.

Domínio da expressão dramática

Representar situações do quotidiano; Conseguir representar uma personagem numa dramatização; Conseguir utilizar a mímica enquanto conta uma história.

Domínio da expressão plástica

Identificar o seu trabalho; Ser capaz de modelar figuras reconhecíveis; Colar figuras num espaço limitado; Cortar seguindo contornos; Pintar figuras reconhecíveis; Revelar criatividade; Pegar correctamente no pincel/lápis/marcador.

Domínio da expressão musical

Conseguir acompanhar um ritmo simples; Realizar batimentos simples.

c) Área do Conhecimento do Mundo

Com aquisições já feitas:

Nomeiam algumas partes do corpo; Nomeiam alguns animais; Nomeiam alguns objectos do dia-a-dia; Sabem e gostam de observar; Colaboram na arrumação da sala; Dizem o nome dos familiares mais

próximos.

Com aquisições emergentes e/ou ainda por fazer:

Saber onde mora descrevendo uma ou mais características; Identificar 3 ou mais profissões; Identificar algumas lojas, 3 ou mais; Fazer perguntas sobre o que o rodeia; Experimentar várias formas de explorar materiais.

d) Identificação de Interesses

O grupo de crianças mostra interesse por:

Ouvir e contar histórias; brincar nas áreas livremente; cantar e aprender canções; estar no computador com jogos didáticos; fazer gincanas no recreio com material de ginástica; fazer desenhos e/ou trabalhos de escrita; jogos de mesa.

5. Identificação de Recursos

a) Recursos Humanos

Nome	Entidade Empregadora	Formação	Funções	Horário
Carla Maria Pereira de Figueiredo Moreira	Ministério da Educação	» Bacharelato em curso de educadores de infância na Escola superior de educadores de infância Maria Ulrich- Lisboa » Licenciatura em complemento de formação científica e pedagógica para educadores de infância no	Educadora de infância	Horário lectivo: 9h30m às 15h30m Almoço: 12h às 13h Horário não lectivo: » Supervisão pedagógica às terças e quintas -feiras das 15h45m às 16h45m » Atendimento aos encarregados de educação nas primeiras quartas- feiras de cada mês das 15h45m às 16h45m » Reunião de departamento

		Instituto superior de ciências educativas (isce)-Odivelas		curricular do pré-escolar nas segundas quartas-feiras de cada mês às 16h. » Trabalho individual - 8h » reuniões com os encarregados de educação trimestralmente.
Maria Emília Botas	Câmara Municipal do Montijo	9º Ano	Assistente operacional	Das 9h às 17h com almoço das 13h às 14h
Ida Sabala	Ministério da Educação		Educadora/Coordenadora do departamento curricular do pré escola	Terças feiras em semanas alternadas das 9h30m às 12h,

b) Recursos Físicos

-	3 Salas de actividades de Jardim de Infância
-	1 pequena sala para a Componente de Apoio à Família
-	1 Sala para docentes e auxiliares
-	1 Corredor de entrada que liga as todas as salas
-	2 Casas de banho para os 3 grupos de crianças
-	1 Casa de banho adaptada a crianças com dificuldades de locomoção e outras
-	1 Casa de banho para adultos
-	1 Arrecadação para produtos de limpeza
-	, refeitório
-	espaço exterior com relva, caixa de areia e equipamentos/parques lúdicos, campo de jogos para futebol e basquete, espaço de horta pedagógica.

c) Recursos Materiais Relevantes

Material comum ao J.I. -audiovisual, de actividades físicas, de apoio à caixa de areia.

d) Potencialidades/Dificuldades

Potencialidades:

Sala ampla com boa luminosidade, material didático adequado, computador e multifunções na sala, área suja com torneira e lava mãos e arrecadação para arrumos. Existência de uma assistente operacional na sala.

II - FUNDAMENTAÇÃO DAS OPÇÕES EDUCATIVAS

1. Modelo Pedagógico

"A educação pode ser encarada como um fenómeno cultural, que orienta o diálogo com o educando e os outros educadores mas a acção educativa deve basear-se na relação espontânea, afectiva e instintiva" (Santos, 1982,p.16) "a base de toda a educação é a livre experiência sem a qual não é possível chegar à utilização dos vários instrumentos da linguagem que permitem a aprendizagem do racional." (...) "é necessário que à criança pré-escolar seja permitida toda a espécie de actividades livres".

"A pedagogia, arte de ensinar, implica o conhecimento do momento em que cada questão deve ser ensinada (...) a pedagogia é cada vez menos a arte de aplicar fórmulas e esquemas" (Santos, 1980, p.19) "A pedagogia refere-se à educação que visa o saber - conhecimento" (p.94).

Neste sentido, penso que é necessário que o Docente articule a sua prática pedagógica entre a Pedagogia do Ser e a Pedagogia do Fazer. O importante não é tanto o que se faz, mas "O COMO" se faz e "PARA QUE SE FAZ". O princípio geral enunciado na Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar, no qual se afirma que " a educação pré-escolar é a primeira etapa de educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família..." é o fundamento principal para a realização e concretização deste projecto. Cada vez mais se torna fundamental, senão urgente, integrar as crianças em actividades que estimulem a sua auto-estima e autonomia de uma forma responsável e crítica face à sociedade. Para tal, a criança do pré-escolar tem que encontrar no meio que a rodeia, do qual fazem parte outros adultos e crianças como ela, modelos de referência que a possam orientar e conduzir à descoberta dos outros, favorecendo as relações humanas baseadas no respeito mútuo, na compreensão, na colaboração e no diálogo. Será pois, neste contexto que o Jardim-de-Infância surge, também ele, como um meio propício à realização de

aprendizagens úteis e indispensáveis em todo o processo de desenvolvimento e crescimento da criança. Tudo isto, é para o Educador um desafio à sua maneira de estar e sentir a vida. Perante a dinâmica possível do seu grupo de crianças, que lhe exige uma constante planificação, reflexão, reformulação e avaliação da sua acção educativa, e em conjunto com os seus parceiros educativos deve fazer os possíveis para encontrar soluções para minimizar e, se possível, ultrapassar os problemas diagnosticados. Sabendo que os pais são os primeiros educadores da criança e que no seio familiar a criança faz uma série de aquisições, a acção educativa do Educador deve passar também pela família, de forma a sensibilizá-la para as questões relacionadas com os seus filhos e que são fundamentais ao seu desenvolvimento global. Cabe ao Educador perceber e aceitar a criança como um ser independente, que tem a sua liberdade, os seus direitos pessoais. Deve compreender o seu ponto de vista enquanto ser individual e o do outro; o do grupo em si e o de cada criança individualmente. A criança em formação encontra-se em aprendizagem experimental, baseada na observação, manipulação e controle dos objectos, que se reveste de aspectos cognitivos, mas também de muitos aspectos afectivos. São estes laços que tornam importante a relação pedagógica numa sala de Jardim-de-infância. A percepção do grupo em geral e em particular de cada criança determina, sem dúvida alguma, a forma de agir e reagir do Educador em determinada situação educativa face à situação vivida no momento e requer resposta rápida e eficiente. Desta forma, o papel do Educador é fundamental, porque ao acto pedagógico está ligado o processo aprendizagem - via exploratória, pesquisa, manuseamento, observação e controle do material explorado - individual ou em grupo. Ao Educador cabe o papel de organizador, mediador e orientador desse processo, tentando "sempre que possível", dar à criança a hipótese de escolher a actividade que vai desenvolver no dia-a-dia. O Educador fornece os meios /instrumentos/materiais possíveis, desencadeia opiniões, movimentos dialécticos "exigindo" ao mesmo tempo disponibilidade de espírito, empenhamento na actividade a realizar, gosto pelo que faz e respeito pelos outros, nunca descuidando a alegria e afectividade. Espera-se ajudar a criança a crescer em segurança em direcção à sua autonomia, tornando-se um ser cada vez mais independente do adulto da sala, sendo capaz de resolver pequenos problemas para que se integre mais facilmente na sua sociedade de iguais.

2. Organização do Ambiente Educativo

a) Do espaço

"Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamentos, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida o que as crianças podem fazer e aprender."

in Orientações Curriculares para a Educação

Pré-Escolar (pág.37)

O que as crianças podem fazer e aprender é, em certa medida condicionado pelo espaço e material ao seu dispor. Torna-se portanto, de grande importância facultar-lhes um espaço bem organizado e com materiais diversificados, escolhidos a pensar no seu potencial pedagógico e com o objectivo de alcançar os interesses do grupo ao mesmo tempo que lhes vai proporcionar momentos de aprendizagem e desenvolvimento do sentido de responsabilidade, autonomia, partilha e organização. Como tal a organização da sala é uma das principais condições para que as actividades se desenvolvam tranquilamente e com os resultados esperados. É importante que na sala existam áreas bem definidas, para que as actividades diversificadas aconteçam num clima harmonioso e de forma organizada, sem gerarem conflitos. A sala está organizada por áreas, que foram criadas numa primeira fase, em esboço pela Educadora titular da sala para receber os meninos que viriam frequentar o Jardim-de-infância. Depois, em conjunto criámos novos espaços e colocámos os materiais nos locais/áreas adequadas. São elas as seguintes:

Área do acolhimento/ Leitura/biblioteca

Esta área é ampla com almofadas individuais de borracha lavável que são colocadas no chão e arrumadas pelas crianças após o momento de acolhimento; Enquanto biblioteca, tem um móvel/biblioteca com vários livros.

Área dos Jogos de Mesa

Esta área tem 2 mesas com várias cadeiras e está perto do armário com os respectivos jogos. Estes estão organizados nas prateleiras por cores que correspondem a características dos jogos (puzzles de madeira, dominós, etc), assim os jogos que têm uma cor na caixa têm de ser colocados na prateleira com a mesma cor.

Área da Garagem

Esta área tem um tapete próprio, e algumas caixas com animais da quinta, carros, material de construção/arranjos e uma garagem.

Área da Casinha

Esta área tem mobiliário de cozinha, mercearia e de quarto, todo em madeira, há também bonecas, roupa para as bonecas, loiça e alimentos.

Área das Construções/jogos de chão

Esta área tem um móvel de prateleiras com caixas plásticas grandes com diversos e variados jogos de construção/encaixe, legos grandes e pequenos, madeiras, pista comboio, etc.

Área da plasticina

Esta área dispõe de duas cadeiras, bancada de mármore, plasticina, moldes e utensílios para trabalhar com a mesma.

Área da pintura

Esta área tem um cavalete duplo, tintas de várias cores, pinceis, molas para prender as folhas e lápis para para identificarem as pinturas.

Área do quadro de giz

Esta área tem um quadro preto, giz de várias cores, um apagador e cartões com imagens e o seu respectivo nome para que as crianças possam explorar a escrita.

Área do computador

Esta área tem dois computadores com ligação à internet, um de trabalho para a educadora, e outro para utilização das crianças, existe também uma impressora multifunções e cd's de jogos didáticos.

Área do recorte e colagem

Esta área tem três mesas com várias cadeiras, um cesto com tesouras, colas, e revistas. Esta área é também utilizada para desenhar ou fazer algum trabalho mais individualizado, quando a área do trabalho está cheia.

Área do trabalho

Esta área tem quatro mesas e doze cadeiras, está perto de dois armários de prateleiras, um com as caixas individuais para as crianças arrumarem os seus trabalhos e outro com folhas de máquina A4, lápis de cor, lápis de cera, lápis de carvão, borrachas, apara lápis, marcadores de feltro de bico fino e grosso, tesouras e colas.

É de salientar que a organização aqui definida, não é rígida podendo ser alterada sempre que necessário.

b) Do tempo

“ O conhecimento do espaço, dos materiais e das actividades possíveis é também condição de autonomia da criança e do grupo.”

In, OCEPS

Apesar de no Jardim-de-infância o tempo educativo ter uma certa flexibilidade, também é verdade que é importante que se mantenham rotinas diárias para criar segurança e tranquilidade, assim como levar a criança a perceber essa mesma noção de tempo.

Desta forma, organizei a minha rotina educativa desta forma:

- 9h30- Acolhimento aos elementos do grupo na área do acolhimento;
- 9h40-Conversa em grande grupo - marcação das presenças, dia da semana, canção do Bom Dia, alteração do dia no calendário; planificação de actividades livres e/ou dirigidas.
- 9h50- execução das actividades
- 10h30m-pequeno intervalo (dependendo do decorrer das actividades e das condições climatéricas)
- 11h-Continuação das actividades que foram programadas
- 11h45m -Arrumação da sala e higiene para o almoço
- 12h às 13h- Almoço
- 13h Recreio
- 13h30-Conversa de grande grupo na área da biblioteca/acolhimento - actividade de descontração (tempo de leitura) - planificação da tarde
- 14h-Actividades livres e /ou dirigidas (continuação das da manhã ou outras)
- 14h45-Arrumação da sala
- 15h-Tempo de reflectir/avaliar com mostragem dos trabalhos realizados
- 15h15m-Distribuição do leite escolar/pequeno lanche
- 15h30m-saída

Esta rotina pode eventualmente sofrer alterações ou por propostas do grupo ou de uma só criança, ou por actividades da Instituição, visitas de estudo, etc.

3. Estratégias

Após a observação do grupo e da forma como interagem, considero fundamental que na vivência de grupo, as crianças participem, dentro do possível, na elaboração das regras no sentido de promover experiências de vida democrática, no interior e exterior da sala. Em qualquer tipo de actividade, a intervenção do educador passará pela observação, apoio, estímulo e diálogo constante. De modo a proporcionar a calma, o espaço e a quantidade de materiais necessários à actividade será acordado com as crianças, assim como o número limite que pode permanecer em cada área da sala, chamando a sua atenção para quando essa regra for quebrada. Os temas específicos serão abordados através de conversas, observações, meios auxiliares como livros, imagens, vídeos e técnicas adequadas às diversas aprendizagens e às idades das crianças e poderão ser propostos pelo

educador ou pelas crianças. Conforme a natureza das actividades, elas poderão ser feitas com todo o grupo; num dos subgrupos criados ou em dois ou três simultânea mas separadamente; com pequenos grupos de crianças, enquanto as restantes se entregam às actividades livres. A divisão em pequenos grupos ajuda o educador a dar uma maior resposta a cada criança individualmente, facilitando a observação, o diálogo, a estimulação e possíveis despistagens. Para estimular e desenvolver a autonomia pretende-se organizar os diferentes espaços de modo a permitir à criança a escolha, dentro de um leque alargado, das actividades que quer desenvolver, sem ter de esperar pela iniciativa do adulto. Também se pretende responsabilizar, gradualmente, a criança pelos seus objectos pessoais e da sala, bem como pela organização e arrumação dos mesmos, assim, os materiais necessários estarão sempre à disposição de modo a que lhe permita:

- Fazer jogos de mesa (puzzles, dominós, lotos, enfiamentos, entre outros);
- Fazer jogos de construção (no chão);
- Brincar na casinha;
- Ver e consultar livros;
- Brincar com a escrita (folhas, quadro preto, no computador...);
- Fazer desenhos, pinturas, colagens;
- Modelagem com plasticina;
- Jogar no computador;
- Brincar na garagem.

4. Intervenientes

Educadora titular de grupo; crianças; Assistente operacional; Encarregados de educação, colegas do 1º ciclo e toda a comunidade educativa.

III – INTENCIONALIDADES

1. Opções e Prioridades Curriculares

Como enunciam as orientações curriculares, a educação pré-escolar tem que partir do que as crianças sabem, da sua cultura e saberes próprios, logo respeitar e valorizar as características individuais da criança e a sua diferença, constitui a base de novas aprendizagens. A partir do conhecimento individual de cada criança e da sua inserção no grupo viajaremos pelo seu mundo imaginário (através de histórias, dramatizações, canções, do "faz-de-conta") e ajudá-la-emos a descobrir a realidade circundante, a partir dela própria, da relação com o seu próprio corpo

e com os outros, nunca esquecendo a importância que o jogo tem nestas idades de Jardim-de-Infância. Por mais perfeitos tecnicamente que sejam os métodos pedagógicos, eles não funcionam no sentido de criar seres autónomos, auto confiantes e criativos, se não assentarem em alicerces como a alegria, a espontaneidade, a vontade de viver e numa boa relação com a família. É através da construção de relações sociais com os outros (adultos, pares e grupo) que a criança vai construindo a sua própria identidade, definindo a sua individualidade e adquirindo a sua autonomia. É preciso estar atento e aproveitar a multiplicidade de aprendizagens da cidadania na educação pré-escolar, valorizando uma das etapas de um processo que decorrerá ao longo da vida. Como tal, a minha atitude enquanto educadora, perante as crianças que constituem o grupo da sala será, de forma articulada com todas as áreas de conteúdo, a de promover a educação para a cidadania e para a vida democrática. Para tal, há que ter em conta três tópicos fundamentais de aprendizagem:

- Conhecimento e compreensão (regras, direitos humanos, diversidade...)
- Capacidades e atitudes (pensamento crítico, análise de informação, negociação, resolução de problemas e conflitos...)
- Valores e aptidões (respeito, abertura, tolerância, disponibilidade para escutar, trabalhar em equipa...)

Outro ponto que considero fundamental no trabalho a desenvolver com este grupo é o da continuidade educativa, uma vez que o grupo irá transitar para o primeiro ciclo, no próximo ano. É um trabalho facilitado pelo partilhar do mesmo espaço, pelos dois níveis de ensino - a hora do recreio é comum, existindo a hipótese de contacto e trocas entre as crianças. Existe diálogo e colaboração entre a Educadora e os Professores do 1º ciclo, para planificar e articular, o que facilita a transição da criança para a escolaridade obrigatória.

Para a elaboração deste projecto tive em conta o tema chave comum ao J.I. e 1º ciclo " Alimentação, higiene e saúde", projectos e planificações elaborados em departamento de pré-escolar, projectos de cooperação e colaboração com o 1º ciclo e outros que sejam pertinentes.

2. Efeitos Esperados

Tal como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, a educação pré-escolar não deve ser organizada em função da transição para o 1º ciclo do Ensino Básico, "mas que se perspetive no sentido da educação ao longo da vida, devendo, contudo, a criança ter condições para abordar com sucesso a etapa seguinte." (p. 17).

Como no meu grupo de crianças, 24 estão em idade de no próximo ano lectivo entrarem para o 1º ciclo, acho que é necessário promover a auto-estima e a autoconfiança para que a criança consiga reconhecer as suas possibilidades e progressos, tomando assim uma atitude positiva face à sua nova etapa, que será a entrada no 1º Ciclo do Ensino Básico. Assim, e tendo como base orientadora as metas emanadas para o ensino pré-escolar, pretendo que as crianças tenham:

» Aquisições para a aprendizagem formal da leitura, escrita e matemática:

- Domínio da compreensão e da comunicação oral;
- Consciência das diferentes funções da escrita;
- Correspondência entre o código oral e código escrito;
- Realização de aprendizagens básicas, ao nível da matemática;
- Aquisição de noções de espaço, tempo e quantidade.

» Aquisições nas várias expressões e tic:

- utilizar a expressão corporal
- fazer representações
- saber utilizar instrumentos musicais
- utilizar o computador para pesquisa, escrever documentos, trabalhar jogos didácticos.

» capacidade para:

- Integrar o grupo no dia-a-dia;
- Aceitar regras de convivência social;
- Seguir regras de convivência social;
- Ser capaz de trabalhar e cooperar com os outros;
- Compreender e seguir orientações e ordens.
- Ter iniciativa e tomar decisões em actividades usuais.

» revelando algumas atitudes:

- Curiosidade;
- Espírito crítico;
- Desejo de aprender coisas novas;
- Interiorizar as várias áreas da sala e para que servem;
- Revele atitudes positivas face à escola.

IV - RELAÇÃO COM A FAMÍLIA E OUTROS PARCEIROS

1. Com A Família

Cada vez é mais importante a criação de programas educativos/projectos pedagógicos, etc. (tal como é referida na legislação actual) que melhor se adaptem às necessidades das crianças e, por sua vez das famílias, visto que não devemos nunca esquecer que são nossos parceiros sociais.

O bom relacionamento com as famílias ajudam o Docente a perceber o tipo de família que existe e a conduzir as actividades de aprendizagem/experiências da criança enquanto está consigo no Jardim-de-infância. O mesmo se passa com a Família. Se tiver o "feedback" do que se passa no Jardim-de-infância também, em casa, a Família, poderá participar activamente com o seu educando dando continuidade ao trabalho que foi valorizado pelo Docente. É também uma forma de motivar a criança e de aumentar o seu "aproveitamento" nas suas aprendizagens diárias.

Ramiro Marques disse numa obra sua "As Famílias devem compreender e conhecer as escolas dos filhos e as escolas devem compreender as famílias que servem".

Tenho tentado fortalecer uma boa relação com as Famílias aquando da receptividade ou entrega das crianças, com pequenas conversas diárias, lembrando e fomentando a abertura, cordialidade, exigência e responsabilidade pelos seus educandos (horários a cumprir, regras do estabelecimento, etc.). As Famílias têm-se mostrado, interessadas, participativas e colaborantes, quer no trabalho que é desenvolvido na sala, quer quando lhes é solicitado algum material para pesquisa de algum trabalho (ou material desperdício, etc.), assim como colaboração com géneros alimentares para as festas temáticas. Os encarregados de educação das crianças que estão na CAF (que são 23) têm maior dificuldade em conversar comigo, assim tenho demonstrado disponibilidade para marcar uma outra hora para conversar sobre a criança, que não a marcada no meu horário de atendimento.

2. Com Outros Parceiros

O trabalho de equipa é de extrema importância para que a acção desenvolvida na educação pré-escolar seja de qualidade. Como tal o ambiente de trabalho deve ser de apoio, cooperação, aceitação, confiança e respeito. É importante que todos os profissionais envolvidos (educadores de infância, assistentes operacionais,...) tenham um tempo para poderem reflectir, planear e avaliar o seu trabalho. Este tempo será um espaço formativo, em que todos terão voz para colocarem em comum os seus saberes, as suas dificuldades, as suas resistências, num clima de apoio mutuo, de solidariedade profissional e formação cooperada.

É também importante o trabalho cooperado com as assistente técnicas (CAF), educadora do Jardim de infância do Bº do Areias-Isabel Castro, professora Paula Silva da EB1 de Afonsoeiro, Biblioteca - Polo do Afonsoeiro, comunidade local e escolares do Agrupamento, CMM e Junta de Freguesia, Centro de Saúde.

V - COMPONENTE DE APOIO À FAMÍLIA

1. Recursos

Humanos:

Uma assistente técnica, uma assistente operacional e uma animadora cultural.

Físicos:

Sala própria mas inadequada para o nº de crianças a usufruir da CAF, salas de aula do J.I. e espaço de recreio exterior

Materiais:

Material de desgaste, didático, audiovisual, de actividades físicas e motoras, computador e impressora.

2. Actividades Propostas

As actividades propostas são de carácter lúdico e irão ser desenvolvidas sob a forma de ateliers. Devido ao elevado nº de crianças a frequentar a CAF (cerca de 50), formaram-se dois grupos com adulto fixo, que irão usufruir dos ateliers de forma alternada conforme calendário em anexo no dossier de docente.

Os ateliers são: expressão plástica, inglês, música e movimento e drama. Um dia tem atelier de carácter livre.

Foi também elaborado o Plano Anual de Actividades da CAF (em anexo no dossier do docente)

3. Potencialidades/Dificuldades

Potencialidades:

A formação adequada das assistentes e animadora cultural, assim como a verba atribuída para compra de material.

Dificuldades:

Falta de um espaço polivalente/ginásio, de uma sala de tamanho adequado para o funcionamento da CAF (que funciona nas salas do J.I.) e o tempo excessivo de permanência de algumas crianças no espaço escola, assim como provar que algumas que usufruem desta componente não têm essa

necessidade.

4. Supervisão e Coordenação

A supervisão e coordenação da CAF é assegurada pelas Educadoras de Infância que acompanham/supervisionam algumas/todas actividades, reúnem mensalmente para planificar e avaliar o mês anterior, permitindo deste modo monitorizar em equipa, o trabalho desenvolvido.

VI - PROJECTOS ADOPTADOS PELOS JI/ESTABELECIMENTO/DEPARTAMENTO

O departamento curricular do pré-escolar adoptou os seguintes projectos:

- » Intercâmbio entre os grupos/sala dos vários estabelecimentos com correspondência vária a anteceder a visita aos mesmos.
- » Livro com história continuada feita por grupo/sala com o título " Quem conta um conto..." e como tema de suporte a alimentação
- » P.N.L. Leitura de vai e vem
- » Greencork

VII - PROCEDIMENTOS DE AVALIAÇÃO

1. Do Grupo/Criança

No início do ano lectivo é elaborado um registo escrito de observação/avaliação diagnóstico (em anexo no dossier do docente). A avaliação das aprendizagens e progressos conseguidos pelo grupo, será registada trimestralmente e no final do ano lectivo, será elaborada uma avaliação individual.

2. Deste Projecto (PCT)

Este projecto será objecto de reflexão e avaliação, procedendo à sua reformulação, caso julgue necessário. No final do ano lectivo, será elaborado um relatório de avaliação sobre o mesmo. (a anexar no dossier de docente)

3. Da Equipa Pedagógica/Departamento

A avaliação da equipa pedagógica e do trabalho que desenvolveu, será elaborada sucintamente no final do ano lectivo, e irá constar no relatório de avaliação deste PCT.

4. Da CAF

Nas reuniões trimestrais realizadas com as dinamizadoras da CAF, será feita uma avaliação assim como no final do ano lectivo. Ficará registada em síntese no relatório de avaliação deste PCT.

5. Dos Projectos Adoptados pelos JI/Estabelecimento/Departamento

Os projectos serão avaliados no final do ano lectivo, em reunião de departamento e o resultado irá constar no relatório de avaliação deste PCT.

6. Do Plano Anual de Actividades

O Plano Anual de Actividades será avaliado em reunião de estabelecimento e de departamento do pré-escolar, no final de cada período e no final do ano lectivo. A síntese da sua avaliação será referida no relatório de avaliação deste PCT.

VIII - PLANIFICAÇÃO DE ACTIVIDADES

Será elaborado mensalmente pelo departamento do pré-escolar o plano de acção comum com a temática a desenvolver, posteriormente cada educadora adoptará as actividades que julgue mais adequadas para o seu grupo, tendo como base o plano anual de actividades do agrupamento.

O meu plano de acção será a forma de pôr em execução o meu PCT, nas suas várias vertentes, quer em parceria com os outros J.I. do agrupamento (intercâmbio entre grupos, construção faseada de um livro sobre alimentação, uma página por sala/grupo), quer em parceria com o 1º ciclo do nosso estabelecimento (realização de actividades conjuntas, celebrações de datas festivas, visitas de estudo conjuntas).

O plano de acção (em função de cada projecto curricular de turma) visa explorar os assuntos decorrentes do tema abordado, que servirão de ponto de partida para a introdução de conhecimentos e noções orientados de acordo com as 6 áreas de conteúdo:

Área da Formação Pessoal e Social

Área da Expressão e Comunicação

Área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Área da Matemática

Área do Conhecimento do Mundo

Área das Tecnologias de Informação e Comunicação

Para cada uma destas áreas ir-se-ão definir estratégias e objectivos de modo a permitir que as crianças adquiram as competências previstas para o final do pré - escolar.

Anexo 3

Guião da entrevista

Guião da entrevista às participantes do estudo

Qual a sua concepção de criança?

No seu quotidiano com as crianças, que aspectos considera mais importantes?

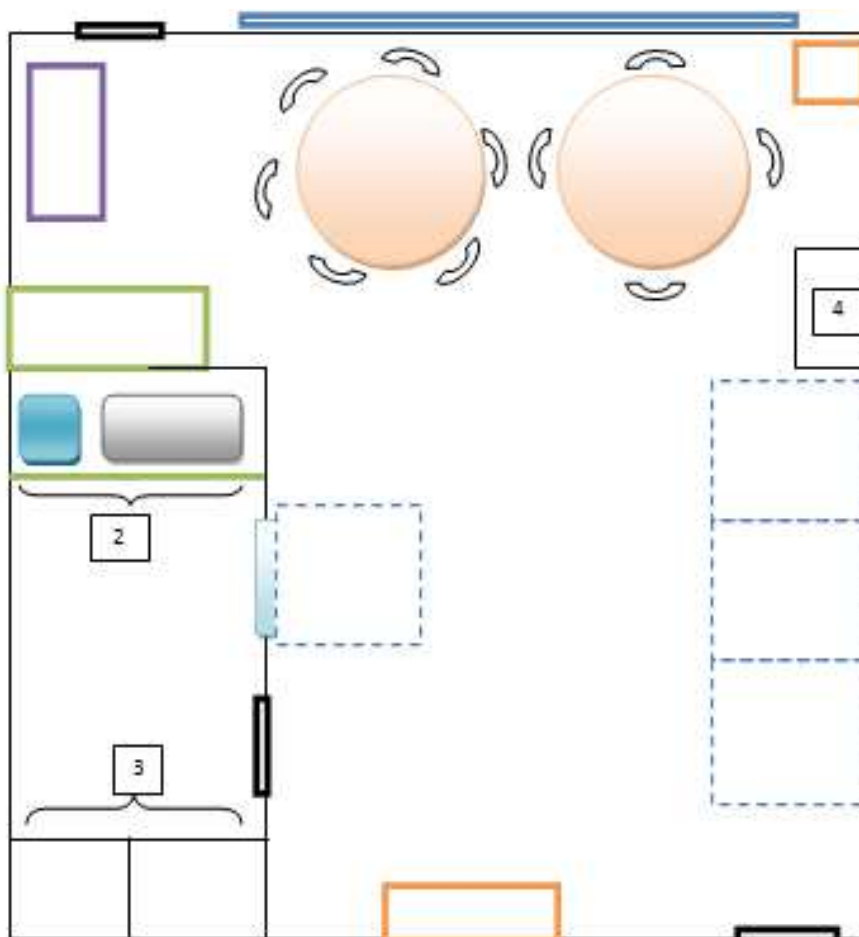
Que significado assume o brincar no seu currículo enquanto educadora de infância?

Como são proporcionados os momentos de brincar na sala?

Qual a sua postura no momento em que as crianças brincam?

Anexo 4

Planta da sala, contexto de creche



Legenda:



Catres



Portas



Janelas



Mesas



Espelho



Cadeira



Banheira/Lavatório



Zona de mudas



Móvel de arrumação de brinquedos e jogos



Tapete de actividades



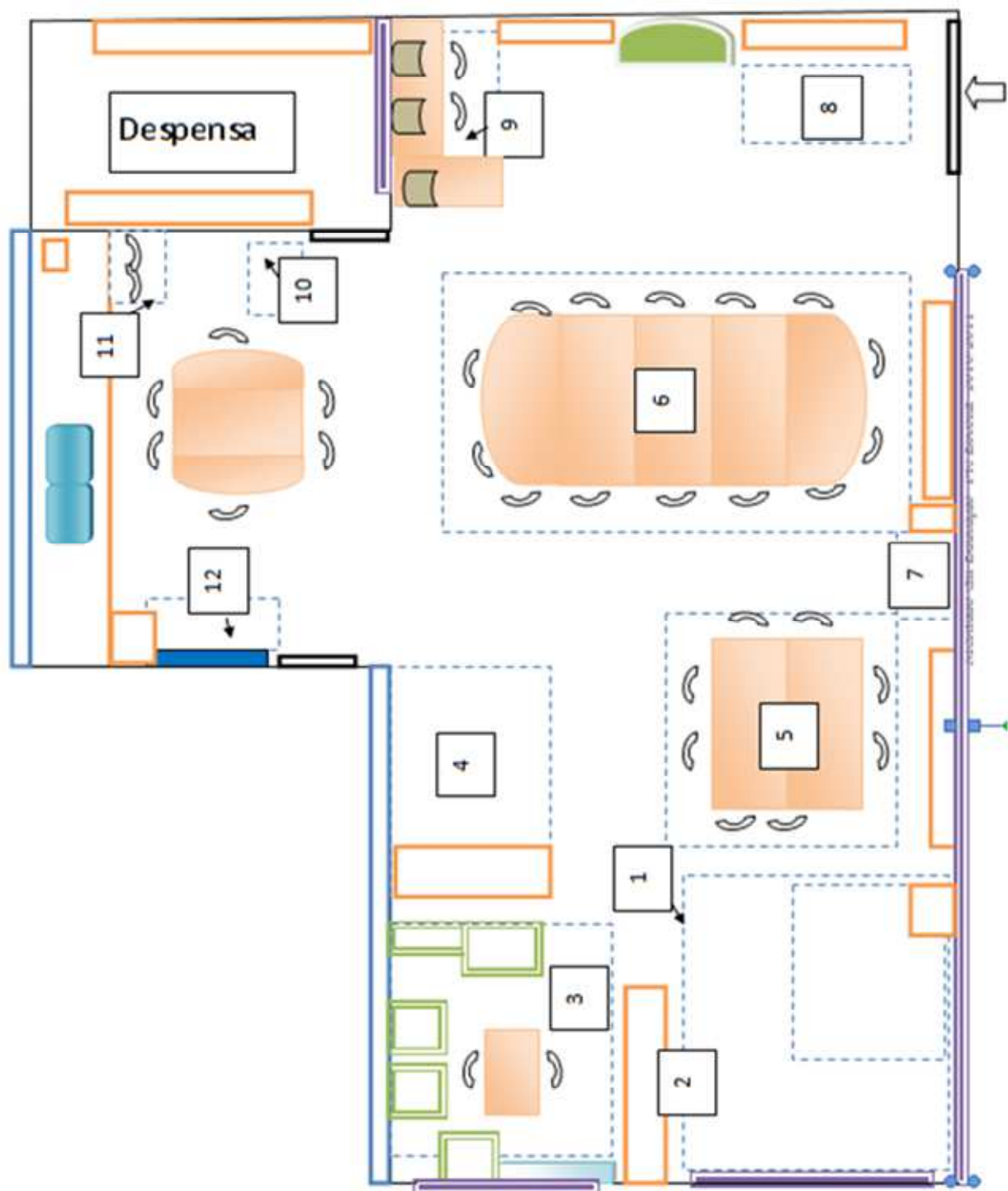
Bancada

1 – Bancada c/ móvel de arrumação
2 – Fraldário

3 – Armários de arrumação
4 – Móvel de Cozinha

Anexo 5

**Planta da sala, contexto de
jardim-de-infância**



Legenda:

	Janelas
	Portas
	Lavatório
	Mobiliário da área da casa (armários de cozinha, fogão, banca com lavatório, cómodas de arrumação das roupas dos bonecos)
	Móveis com prateleiras de arrumação de materiais (jogos, puzzles, materiais de construção, animais de plástico, livros, materiais de desenho)
	Quadro de giz
	Áreas de actividade
	Espelho
	Equipamento informático
	Mesas
	Cadeira
	Placares de exposição de produções das crianças
	Pequeno sofá

Áreas de actividade:

- 1- Área de grande grupo
- 2- Área da biblioteca (está situada dentro da área de grande grupo)
- 3- Área da casinha
- 4- Área da garagem
- 5- Área dos jogos de mesa
- 6- Área de trabalho
- 7- Área dos fantoches
- 8- Área dos jogos de tapete
- 9- Área do computador
- 10- Área da pintura (cavalete)
- 11- Área da plasticina
- 12- Área do quadro de giz
- 13- Área da bonecada

Anexo 6

Transcrição da entrevista à educadora de creche

Entrevista realizada dia 25 de Maio de 2011, com início às 17:01h, no Gabinete da coordenação da Instituição “A”.

Márcia: Estamos reunidas, eu e a educadora de creche, vamos dar início à entrevista da valência de creche, do 2º Berçário. Vou começar então por perguntar “Qual a concepção de criança” desta educadora.

Ed. Cr.: *Então encaro a criança como única, em constante evolução (pausa) é ativa, detentora de informação com capacidades e potencialidades.*

Márcia: Ah... No teu quotidiano com as crianças, quais os aspetos que consideras mais importantes?

Ed. Cr.: *Portanto, nesta faixa etária o importante é promover a identidade e autonomia pessoal da criança e estimular a compreensão ativa do seu ambiente físico e social.*

Márcia: Que significado assume o brincar no teu currículo enquanto educadora de infância?

Ed. Cr.: *A minha filosofia educativa é que através do brincar a criança aprende a conhecer os objetos e pessoas, que cria, onde experimenta, promove a linguagem e como tal, a criança torna-se o agente ativo do seu próprio desenvolvimento e aprendizagem. Logo a brincadeira ou o jogo é e deveria de ser a base do currículo de qualquer educador.*

Márcia: Portanto é a base do teu currículo?

Ed. Cr.: *Exatamente.*

Márcia: Como são proporcionados esses momentos de brincar na sala?

Ed. Cr.: *Através do ambiente educativo, das rotinas. Tudo isso é pensado de forma a que eles possam explorar livremente os materiais e possam aprender com eles.*

Márcia: E a tua postura no momento em que as crianças brincam?

Ed. Cr.: *A minha postura é de mediador da brincadeira da criança, não interferindo nas suas explorações, mas sendo sempre uma observadora atenta das suas descobertas e das potenciais dúvidas e dificuldades, para que ao interagir com a criança possa enriquecer a sua aprendizagem sobre os objetos e enriquecer a sua relação com as outras crianças e adultos.*

Pronto, é com base na observação atenta do brincar da criança, sozinha ou em pares, que me ajuda a compreender melhor cada criança e a planear o meu trabalho, ou seja, ajuda-me na minha intencionalidade educativa, ou seja, nas propostas que lanço ao grupo, aos desafios que lhes proponho através dos materiais que apresento, às histórias, às canções, ao que vamos verbalizando ao longo da rotina e penso que através de uma boa observação, acompanhada de reflexão e avaliação, que é muito importante, a acção do educador torna-se coerente e adequada a cada criança e situação, promovendo assim aprendizagem, quer para o educador, quer para as crianças.

Márcia: Agora seria também importante dizeres um pouco do teu percurso até agora enquanto profissional, quantos anos estiveste em cada valência...

Ed. Cr.: *Sou educadora há nove anos, este ano letivo é o nono ano. Estive sete anos no pré-escolar, o oitavo ano foi só feito metade do tempo, porque estive de baixa de maternidade, em que estive em sala-parque, nos 2-3 anos, mas só apenas metade do ano. E este ano estou numa sala de 2º berçário, pela primeira vez e estou a gostar muito, está a ser um desafio muito grande, porque nunca tinha estado com estas idades e... (pausa) acho que me estou a construir enquanto educadora de creche, porque é bastante diferente do que ser educadora em pré-escolar, mas estou a gostar imenso.*

Márcia: E a tua formação base?

Ed. Cr.: *Formei-me na ESE de Setúbal, sou licenciada ainda na licenciatura antiga, tenho feito algumas acções de formação, ao longo deste oito anos, tenho feito algumas acções para complementar a minha informação.*

Márcia: Damos por encerrada a entrevista com a educadora, Obrigada.

Anexo 7

**Transcrição da entrevista à
educadora de jardim-de-infância**

Entrevista realizada dia 24 de Maio de 2011, com início às 16:22h, na sala 1 da Instituição “B”.

Estamos reunidas, eu e a educadora de jardim-de-infância.

Márcia: Qual a tua concepção de criança?

Ed. JI: *(pausa) em primeiro lugar, uma criança é uma pessoa, em construção (pausa) com capacidades (pausa) por desenvolver com capacidades que traz para nos... (pausa) nos mostrar e ensinar também a nós, adultos. (pausa) Com ingenuidade, com sabedoria e perspicácia. É um bocado uma contradição porque se por um lado, eles são muito ingénuos, por outro, até se costuma dizer que as crianças são cruéis de tão ingénuas ou tão... (pausa) reais que são, dizem as coisas sem pensar que podem magoar, portanto, todas essas coisas que nós adultos acabamos por fingir ou engolir sapos, como se costuma dizer, porque podemos ferir, podemos magoar a outra pessoa, eles não, eles dizem o que têm a dizer são muito genuínos, nesse sentido, portanto, o que têm a dizer dizem e por vezes, com alguma razão também e nós aprendemos muito, porque às vezes revemo-nos um bocado naquilo que eles dizem e eles acabam por ser um bocado criados à imagem do adulto, porque... nós próprios por vezes, sem nos darmos conta não é? E porque nos servimos de modelo... estamos-lhes a incutir algumas destas coisas, que se calhar que são mais próprias de adultos e, por vezes, sem querer, damos com nós a exigir-lhes comportamentos e atitudes de adultos ... (pausa) e não, as crianças têm de brincar, têm ter tempo para os disparates, para a malandrice, e pronto. Não sei se era bem isso. (risos)*

Márcia: Podemos passar para a questão seguinte. No teu quotidiano com as crianças, quais os aspetos que consideras mais importantes?

Ed. JI: *O meu grupo basicamente é de 5, 6 anos. O mais importante é... a relação, o contacto. Pronto eu sou também um bocado exigente. Exijo regras... (Pausa) de bem-estar, de respeito, mas basicamente a relação, o contacto, não só verbal, mas o contacto físico é importante. Pausa*

A brincadeira, porque na brincadeira eles aprendem muito, uns com os outros, (Pausa)...a relação uns com os outros, o trabalhar a pares. Também é muito

importante, porque acho que o aprender nestas idades, não só na brincadeira, mas o aprender a pares. A par não quer dizer que seja dois a dois, com os pares, aprenderem uns com os outros, (pausa) é mais fácil porque por vezes, eles conseguem expor ideias e explicar ao colega alguma dificuldade que ele tenha, melhor que nós adultos, de maneira a que eles percebam. Portanto, eles utilizam uma linguagem mais parecida e pronto, basicamente, o trabalhar em conjunto, o brincar em grupo também, o tentar que circulem. Por exemplo, no início do ano, não se notam muito grupo, no final do ano quase todos já têm um grupo de colegas com o qual se identificam mais. Portanto, também proporcionar alternativas para que eles consigam brincar com outros, ou estar com outros, que não sejam os seus amigos preferidos, em situações de sala, de recreio e nesse aspecto, até acho que este grupo, pronto, embora se note já os grupinhos, mas em várias actividades que lhes é proposto ou impingido (risos), quase que se pode dizer assim, trabalhar ou brincar com outros meninos, eles até conseguem e gerem.

Márcia: Podemos passar para a seguinte? Que significado assume o brincar no teu currículo enquanto educadora de infância?

Ed. II: *Pronto... também já disse um bocado na outra anterior portanto, eu acho que o brincar é base de tudo não é? Porque no brincar eles vão buscar todos os conceitos, todas as capacidades que necessitam para desenvolver outras competências mais à frente, já na escolaridade obrigatória. Porque por exemplo, eles estão na área da Casinha e estão a brincar com as frutas. Eles ao brincarem com as frutas, eles são capazes de dizer: “tu ficas com esta, eu fico com esta”, “esta é mais pequena”, “esta é maior”, portanto, eles estão a trabalhar uma série de conceitos de matemática que se calhar aprender e conseguem reter maior informação do que se for com um trabalho, uma ficha, uma coisa obrigada, não é? E não só matemática, portanto, eles em brincadeira nas várias áreas da sala, estão em conversação, também desenvolvem a linguagem. Temos por exemplo, o nosso menino João, que é um menino romeno que não falava nada português e aposta realmente foi, não tanto impingir-lhe, querer que ele aprendesse as palavras, os conceitos, não. Foi um bocado deixá-lo nas brincadeiras e ele com os outros, num instante, conseguiu aprender a falar, o nome dos objetos, dos brinquedos, dos colegas, portanto, a brincadeira é a base de tudo. Até na plasticina, que eles trabalham com massa, que fazem objetos a 3 dimensões, na garagem, nas*

construções, portanto, salta-nos mais a matemática, mas não é só. Acaba por se trabalhar um pouco de tudo. Saber brincar com os colegas, o partilhar, tem a ver com a formação social e pessoal. Às vezes, tem-se um bocado a ideia “passam o dia a brincar”, mas é “passam o dia a aprender”.

Depois sinto um bocado a necessidade de, por vezes, averiguar o que é que eles já conseguiram reter nessas brincadeiras e, de vez em quando, surge então um trabalho mais orientado, onde eu consigo apanhar “olha eles já têm noção, já conseguem identificar os números até 5, formar conjuntos, contar o que fizeram no fim-de-semana, já têm uma construção de frase perceptível”, portanto, há necessidade de lhes mostrar algum trabalho mais orientado, para também ter um bocado a noção, porque nos temos de fazer avaliação deles.

Márcia: E como tentas gerir esses momentos orientados e esses momentos mais espontâneos, digamos assim? Porque no fundo, tudo é a sério, brincadeira é trabalho é sério, mas como é que fazes esse balanço, esse equilíbrio?

Ed. II: *Pronto, geralmente no primeiro período, não se entra muito por aí, no segundo período começo a exigir, sei lá... uma vez de duas em duas semanas... é assim, não tenho uma rotina, não tem de ser todas as semanas, não tem de ser de duas em duas semanas, por vezes acontece e por vezes, nas nossas pesquisas vimos uma ficha ou vimos um trabalho que pensamos “Isto era engraçado, tem a ver”, tem a ver com temas, se estamos na Primavera, podemos arranjar um trabalho que tenha a ver com a Primavera, que consigamos ter as noções do que eles já adquiriram. No último período, neste terceiro, acaba por ser mais, acontecer mais vezes, porque no fundo, agora nem é bem para ver os conceitos que eles já têm, é para ver se eles os sabem utilizar, porque quer queiramos quer não, eles vão para o primeiro ciclo, e eles próprios começam também a procurar-nos que querem escrever já com letra dos meninos crescidos, querem ir muitas vezes para a área da escrita, pintar, como é que se escreve isto, até mesmo o diário de turma, o eles escreverem lá e virem-nos pedir para fazermos num papel e eles copiarem, portanto, eles próprios chegam a uma altura que procuram escrever letras, o que está a dizer neste papel. Não há uma obrigatoriedade de ser todas as semanas ou todos os dias e se calhar há semanas que pode ser dois ou*

três dias, e na outra semana não acontece dia nenhum, portanto, não é uma coisa certa, vai surgindo também espontaneamente. (Pausa) Às vezes até parte também da necessidade deles próprios, porque eles também procuram fazer. Eles próprios gostam e perguntam “Hoje não temos trabalhos?”, nem que seja para por no placard para os pais verem ou às vezes, querem levar para mostrar em casa. É um bocado nesse sentido também.

Márcia: Acabamos por falar um bocadinho deste ponto: “Como são proporcionados os momentos de brincar na sala?”

Ed. JI: *Isto também tem a ver um bocado, os momentos de brincar, quando há um trabalho mais orientado, é meu princípio não fazerem todos ao mesmo tempo, até porque são todos de cinco anos e ao trabalharem todos ao mesmo tempo em trabalho orientado, acabo por não ter na mesma a noção do que já conseguem, portanto, enquanto que os outros brincam, os outros trabalham, depois trocam, os que estavam a brincar depois vêm para a mesa de trabalho e os que estavam a trabalhar vão para a brincadeira. (Pausa) É assim... se calhar, se trabalhassem todos ao mesmo tempo eu acabava por não ter tanto a noção do que eles são capazes, mas quando fossem para a brincadeira, se calhar eu conseguia estar um bocado na brincadeira com eles. Assim eu não consigo, é uma necessidade que eu tenho e que sinto, que estou pouco nas áreas de brincadeira com eles e... (Pausa) o ter tido estagiárias, tem-me ajudado nesse sentido, porque vocês acabam por, vá lá, tapar esta minha falha e, embora eu ache que nós também não devemos, ao entrar nas brincadeiras, devemos entrar com conta e medida, porque nós ao estarmos sempre, as brincadeiras acabam por não ser espontâneas, porque há certas brincadeiras que eles não as têm porque estamos nós. Podemos estar na mesa de jogos e fazer um puzzle, um jogo com eles, mas não estar sempre, portanto, fazermos uma construção, estarmos na casinha e sermos a mãe, ou a filha ou o cão, mas... por costume não, acho que acabam por não sair as brincadeiras tão espontâneas. Sim numa de observação, porque conseguimos tirar também muito conhecimento acerca de cada um.*

Márcia: Pronto acho que acabaste por responder a esta questão...

Ed. JI: *A minha postura enquanto as crianças brincam?... Se calhar (risos). Até respondi mais a esta.*

Márcia: Não, mas de facto, isso que estás a dizer tem muito sentido, porque as brincadeiras devem partir deles e devemos não tomar uma posição central, podemos participar, propor algum tipo de jogo, mas não interferir, não ser o “centro das atenções”, porque aí estamos a distorcer...

Ed. JI: *...A brincadeira e o sentido da brincadeira.*

Márcia: Acho que agora podia perguntar um bocadinho acerca do faz-de-conta. O que é tu achas, o é que se desenvolve através do faz-de-conta? Uma vez que é a área central que vou trabalhar.

Ed. JI: *Os sentimentos, basicamente. No faz-de-conta, nós conseguimos... (pausa) conhecer muito, se calhar é um bocado forte (risos), um pouco das vivências que eles têm em casa também, porque geralmente eles vivenciam ou o ambiente de casa, tal e qual como aqui, vivenciam “agora sou a Ed. JI”⁴ e nós vimos um bocado a nossa figura, ou o que eles tiram do nosso papel e... (pausa) consegue-se às vezes... (pausa), conhecê-los um bocado melhor nesse aspecto e se calhar perceber melhor alguns comportamentos, algumas atitudes (pausa), se bem que há crianças, e temos aqui alguns casos, que procuram um pouco o faz-de-conta como área da casinha na garagem também podem fazer de conta. Por exemplo, no computador, eles não fazem de conta, portanto, há algumas áreas que não têm como fazer de conta. Na biblioteca eles podem-se imaginar que são a princesa ou dragão, como foi a história de hoje, mas não estão directamente a fazer de conta, portanto há áreas que são mesmo mais voltadas para o faz-de-conta. E há meninos que por mais que nós digamos “agora rodem, vão para as áreas onde não estiveram”, que acabam por ir quase como porque “A Ed. JI disse” e quando se fez aquela tabela das áreas foi nesse sentido, de eles rodarem e de chegarem ao final da semana e verem a área que não tinham ido e tentarem ir e... (pausa) realmente, eles aperceberam-se, mas depois também me apercebi que a tabela depois foi bom nesse sentido, mas foi mau, porque eles começaram a ir para aquelas áreas, porque não tinham ido e tinham que ter tudo*

⁴ O nome refere-se à educadora, mas foi alterado por motivos de privacidade.

preenchido e iam nem que fosse só para por o cartão, portanto, também não era essa a minha intenção. Então a tabela foi morrendo, foi ficando esquecida, está lá na parede, mas eles próprios começaram a não sentir necessidade e eu também não insisti porque comecei a ver que estava a levá-los a... (pausa) estava a tomar um caminho que não era o que eu pretendia. Quando foi feita, foi um bocado para terem uma noção, por exemplo, no computador só dá para 2 de cada vez, portanto se estavam toda a semana no computador, os outros meninos não tinham oportunidade de ir, portanto, era importante eles terem essa noção e dar a vez a outros e comecei a ver que não, que eles entenderam muito como ter de ir a todas, nem que fosse estar um minutinho numa, entrar e sair. Pronto, nesse sentido não resultou. Resultou no sentido de perceberem que têm de rodar. Agora podem rodar por duas ou três e não o intuito da tabela. E se calhar foi um bocado o que foi transmitido e a tabela acabou por ficar no esquecimento, mas há meninos que nós não conseguimos analisar pelo faz-de-conta, porque eles nunca estão no faz-de-conta. Acabam por estar no computador, ou estão a fazer um desenho, ou na plasticina, portanto, não estão no faz-de-conta, vá lá, porem-se numa personagem que não seja a deles, imitem a mãe, o cão, o avô, o vizinho, nesse sentido.

Houve uma altura também que se começou com os fantoches, descobriu-se aí o fantocheiro e eu trouxe os fantoches de dedos e a proposta foi... eles ficaram muito entusiasmados... era eles escolherem duas personagens, portanto isto foi numa sexta-feira, pensavam no fim-de-semana em casa numa história para depois virem fazer e surpreendeu-me porque pensei até, porque há meninos mais tímidos que não fossem capazes, mas conseguiram fazer. A história poderia até ser “Olá eu sou teu amigo, dá-me um beijinho?”, mas pronto, todos acabaram por querer representar e aí todos fizeram de conta, mas pronto, há crianças que é mais fácil conseguir-se ver e ter essa perceção... entre o irem obrigados e não fazerem de conta, era preferível não irem e estarem nas áreas de que mais gostas, embora haja alturas que eu acho que também é importante eles terem que fazer. Não é obrigação, mas... (pausa) serem incentivados e terem a noção que têm que fazer. “Não, aqui não é para escolher, é para ir e fazer”, não têm hipótese de dizer que não, se não fazem naquela altura, fazem noutra, mas fazem.

E nesse aspecto, já agora, enquanto fiz a formação do MEM, que se trabalha muito por projecto, que pus em prática e fizemos o projecto dos castelos e dos reis e foi difícil, porque eles estão tão habituados, é um grupo tão competitivo, que todos querem fazer, experimentar, porque ninguém quer ficar atrás e nos projetos a ideia é trabalhar-se em pequeno grupo. Portanto, quando surgiu o projecto, quando foi para a inscrição, na minha ingenuidade “Quem se quer inscrever?”, houve 10 inscrições (pausa), quando o ideal é 3,4. Foi difícil gerir este projecto, foi engraçado, porque todos trouxeram material, alguns traziam material repetido, uns a preto e branco, outros a cores, foi difícil gerir porque o que tinha trazido a preto e branco também queria que as suas coisas entrassem. O resultado final foi muito giro, fez-se o livro, fez-se o castelo depois em biombo, mas (pausa) acabei por não fazer mais nenhum projecto nesse sentido, portanto tem-se feito outros projetos, como foi agora para a eco-feira, só alguns é que fazem, mas não o lançar como projecto, como lancei da outra vez, porque eles não conseguem, mesmo depois de fazerem este projecto os outros vinham perguntar “Então e agora Carla, quando é que nós fazemos?”. Foi difícil gerir aqui na sala e é difícil um trabalho de projecto que nem todos, porque eles estão habituados, mesmo que não façam naquele dia, fazem depois. (...)

Márcia: Ok, agora também era importante saber a tua formação base.

Ed. JI: *A minha formação... fiz o 12º, depois tirei o curso de educadoras, na minha altura, era só bacharelato. Tirei na escola superior de educadores Maria Ulrich, que é privado. Depois, em 2004/2005, fiz o complemento de formação, para ficar com a Licenciatura e fiz no Instituto Superior de Ciências Educativas, em Odivelas e pronto. Já estava a trabalhar.*

Márcia: Já trabalhas há quantos anos?

Ed. JI: *Acabei o curso em 1990, portanto há 21.*

Márcia: Sempre nesta valência?

Ed. JI: *Sempre na valência de pré-escolar. (Pausa) há uma altura valência de ATL, de meninos já de 1ºciclo, mas basicamente, a valência foi sempre em pré-escolar. Nunca estive em creche, a não ser na altura do curso, em estágio, foi sempre em jardim-de-*

infância e quase todos os anos com grupos assim, quase todos de cinco. Aconteceu-me se calhar nestes anos todos, quatro ou cinco em que tive grupos heterogêneos, com pequenos, 3 e 4 misturados. De resto, creche não tenho experiência nenhuma e, sinceramente, dá-me muito gozo trabalhar com estes grupos dos mais crescidos. Porque me põem mais à prova (risos)

Márcia: Então pronto. Damos por encerrada?

Ed. JI: Sim.

Anexo 8

Notas de Campo

Notas de campo

a) Contexto de estudo da primeira infância

Dia 2 de Novembro de 2010

No primeiro dia, procurei aproximar-me das crianças, envolver-me nas suas rotinas, sem ser intrusiva, participei nos momentos de brincadeira, pois é neste momento que posso desfrutar com eles, conhecer as suas brincadeiras preferidas e procurar a relação afetiva. Participei nos momentos de higiene, procurando desde logo estabelecer uma relação de proximidade, uma relação de confiança, tentando demonstrar que era mais um elemento, mais um adulto para os apoiar e em quem podiam confiar. As minhas expectativas prendiam-se muito com o que as crianças iriam achar da minha presença, como iriam reagir, se iam interagir comigo e procurar-me para participar na sua brincadeira... as minhas ansiedades dissiparam-se, uma vez que consegui estabelecer alguma relação, logo desde o primeiro dia. O ambiente da sala estava calmo, as crianças brincavam livremente, procuraram-me nos momentos de brincadeira e da exploração dos objetos. Procurei não ser uma “estranha”. Sorri, peguei ao colo, fiz cócegas, fiz de tudo ao meu alcance para me fazer sentir integrada pela equipa também. Esse aspecto também correu bem. A auxiliar também me ajudou, explicando-me alguns hábitos de arrumação e de rotina, o que foi bastante útil e me fez sentir bem recebida.

Reuni um pouco com a educadora Fernanda, na hora indireta – hora em que as educadoras reúnem numa sala para debaterem assuntos diversos, organizarem eventos, tomarem decisões coletivas). Tive oportunidade de me inteirar de alguns dos princípios pedagógicos que a educadora defende, assim como das concepções que tem acerca da criança. Conversámos sobre a importância de respeitar o ritmo de cada criança e do momento de brincar. Deu-me a conhecer algumas das suas metodologias de trabalho, explicando-me que define objetivos mensais e define estratégias para os concretizar, através da proposta de actividades nesse sentido. Avalia o seu trabalho através do registo escrito e observação, procurando também o registo fotográfico, sendo este último, uma forma de dar a conhecer às famílias como se trabalha com as crianças e valorizar o nosso trabalho. É o seu primeiro ano em creche e é licenciada pela ESE.

Consultei também o Projecto Pedagógico da sala Lilás, sendo que o modelo educativo defendido pela educadora é a COC – Currículo de Orientação Cognitivista. Tive oportunidade de conhecer qual é o trabalho que tem sido a ser desenvolvido pela educadora e o que ela pretende realizar ao longo do ano letivo, especificamente nestes meses que vou ser elemento integrante da equipa. Também me foi dado a conhecer o instrumento de avaliação de cada criança utilizado – Dossier individual – dossier que é personalizado pelos pais e que acompanha a criança durante o seu percurso na creche, ou seja, vai sendo construído através da sua vivência

e aprendizagem neste contexto. Neste dossier constam pequenos registos de marcos significativos das crianças, fotografias das crianças, algumas actividades por elas realizadas, expectativas dos pais, entre outros aspetos.

Dia 8 de Novembro de 2010

Neste dia reunimos outra vez. Refletimos acerca do papel do adulto no momento do brincar social espontâneo, sendo que a educadora defende que o adulto deve participar nos momentos de brincadeira, agindo como mediador, ou seja, há liberdade para que as crianças explorem, ao mesmo tempo que há uma participação do educador, enquanto potenciador de aprendizagem na exploração dos objetos. Através do brincar, podemos introduzir a partilha, algumas regras, conduzindo as crianças a compreender que devem respeitar-se mutuamente e a ser solidárias.

Focámos também a importância de verbalizar os momentos da rotina e antecipá-los. Por exemplo, no momento da maninha, algumas crianças já antecipam o momento que se sucede, dizendo “mã” (mãos) para o momento da higiene e “papa”, remetendo para o momento do almoço. O facto de verbalizarmos estes momentos faz com que as crianças se sintam integradas numa rotina securizante, num clima de confiança, pois conseguem antecipar aquilo que vão fazer e que, não sendo algo descontextualizado, envolve-as no processo de aprendizagem.

Nesta semana, sugeri à educadora realizar com as crianças a atividade das maracas, em que debatemos materiais possíveis de utilizar na atividade, gerimos perigos, uma vez que as crianças colocam tudo na boca. A educadora concordou automaticamente com esta proposta, sendo que ela própria já tinha pensado nesta atividade, estávamos em sintonia.

Dia 16 de Novembro de 2010

<i>Data e hora:</i>	16 de Novembro, 11:35 h (aprox.)
Local:	Fraldário, Instituição “A”
Contexto de observação:	Momento de higiene
Intervenientes: Idade:	Grupo de crianças 2ºBerçário
Observador:	Estudante Márcia Sousa

Algumas crianças estavam à espera que fosse mudada a fralda e que as preparassem para descansar. Enquanto esperavam, exploravam o espaço. Ao canto dessa divisão, estavam três rolos de papel da bancada encostados à parede (rolos com cerca de 80cm), o que suscitou alguma curiosidade em algumas crianças. Duas crianças dirigiram-se para os rolos e foi constatado um investimento diferente na exploração daquele material. As duas crianças conferiram-lhe vários sentidos: colocaram os braços no seu interior, espreitaram através dele, falaram para o seu interior, comunicando com outras crianças e “arrastando-as” para essa exploração. Este facto deixou-me intrigada, no sentido em que interpretei um interesse “diferente”, diria até, uma magia em torno daquele material, comparativamente a outros materiais da sala, nomeadamente os brinquedos a que têm acesso.

Dia 22 de Novembro de 2010

Data e hora:	10.00 h (aprox.)
Local:	Sala de creche, Instituição “A”
Contexto de observação:	Momento de exploração de vários objetos, dinamizada por mim – Atividade “Ao som das maracas!”
Intervenientes: Idade:	Grupo de crianças 2ºBerçário
Observador:	Estudante Márcia Sousa
Objetivo da observação:	Registar individualmente e em grupo os acontecimentos decorrentes da acção das crianças com os diferentes objetos

Os objetos foram trazidos um a um para a zona do tapete, onde estavam reunidas as crianças. A sua expressão era de curiosidade e surpresa. Explorei em grande grupo, uns materiais em pratos, outros em taças. Os olhos estavam arregalados. Estavam atentas ao que ia mostrar... os berlindes foi a primeira coisa que mostrei, ao que algumas crianças disseram “Bo” (bola).

Espalharam o arroz e o esferovite. Muitas crianças colocaram o esferovite na boca. As crianças tocaram, pegaram, alguns queriam meter na boca, pelo que o nosso cuidado tinha de ser acrescido. A maioria gostou do algodão, desfazendo-o.

O Carlos demonstrou imensa vontade em manipular os materiais, soltava gemidos de prazer, envolvia-se por completo, tanto que quando era dada oportunidade a outra criança de explorar ele ficava agitado e tentava de novo alcançar o objeto.

Matilde tocou nos objetos, estava séria, mas parecia estar a gostar, pois queria experimentar tudo. Quando tinha as caricas, coloco-as no prato e começou a chocalhá-las. Queria espalhar a areia e o feijão.

Iara estava agitada, quando não conseguia tocar os objetos, por estarem outras crianças a mexer, chorava muito. Estava muito ansiosa por tocar nos objetos, riu-se e chocalhou alguns materiais.

O Manuel esteve envolvido e investiu muita atenção durante toda a atividade. Cheirou as massas, mexeu espontaneamente nos materiais e levava tudo à boca.

A Renata não queria tocar no algodão e no esferovite, fazendo uma expressão como se tivesse a fazer impressão ao tocar. Tocou nos restantes materiais e já no fim, dispersou um pouco. Estava muito envolvida na exploração do feijão. Quando não queria manipular mais, ia dando os materiais aos colegas.

O João mexeu no algodão e em alguns materiais muito atentamente, tais como as caricas. Desfez o algodão. Ao ver o feijão e as massas, verbalizou a palavra “papa”.

A Ariana envolveu-se bastante com o algodão, desfazendo-o. Tocou e mexeu nos materiais e queria espalhá-los – espalhou o arroz. Estava um pouco agitada, impaciente e estava sempre de pé.

A Inês não mexeu espontaneamente nos materiais, nós é que tentámos que ela os manipulasse. Não mostrou muito iniciativa quando era mostrado um novo material e depois de tocar por nossa iniciativa, também não voltava a mexer intencionalmente. Houve momentos em que dissemos “escuta” e ela automaticamente levou o seu dedo à orelha.

Cada vez que ia buscar um material eles arregalavam os olhos, ficavam à espera atentos. Tentei ao máximo explorar o toque, o som, agitando o prato ou a taça.

Dia 23 de Novembro de 2010

Voltámos a explorar os materiais. Colocámos os materiais no interior das garrafas e decorámos as maracas. A maioria coloca os materiais no interior da garrafa manifestando compreender a sua acção e o efeito da mesma, o som do material a cair no interior da garrafa. Neste dia, as maracas foram colocadas à disposição das crianças. Observei uma atenção cuidada a diferentes objetos que emitiam também sons diferentes. As crianças retomam a exploração de objetos já anteriormente explorados, possivelmente para compararem, quer os sons que eram diferentes, quer os sons que se assemelham, quer ainda as propriedades físicas dos vários objetos. Por vezes, as crianças pegam nos objetos, agitam-nos, ouvem o som por eles produzidos. Param de os agitar e por várias vezes repetem a mesma acção sobre o mesmo objeto. Outras vezes pegam num objeto diferente, agitavam-no e ouvem um som diferente do que tinham ouvido anteriormente.

Estas acções desenvolvidas pelas crianças levam-me a pensar que de facto as crianças agitam os objetos porque pretendem ouvir o som produzido, ou seja, não se trata de simples manipulação de objetos. Na exploração das propriedades sonoras dos diferentes materiais, foi perceptível a tentativa das crianças para produzirem som com os materiais, quer os materiais se

encontrassem dentro das garrafas, em cima da mesa ou dentro dos recipientes. Uma intencionalidade que ficou por explorar foi a compreensão da diferença entre silêncio e som. Poderia ter existido mais investimento, através da demonstração com recurso a um par de maracas – uma com algodão ou mesmo vazia, outra com um material que produzisse um som capaz de acentuar bem a diferença entre eles.

Dia 29 de Novembro de 2010

Neste dia, tentei focar algumas questões para perguntar à educadora, nomeadamente, a forma como pensou o espaço e o organiza; o trabalho com os vários elementos da instituição; como pensou os momentos da rotina e de que forma foi introduzindo modificações; e como é feito o trabalho com as famílias.

Relativamente ao espaço, a educadora referiu que a organização do espaço também está um pouco condicionada pela forma da sala e dos equipamentos: no caso da disposição das mesas, isso depende da proximidade da bancada e é também o único espaço onde as mesas encaixam melhor. A educadora procura que haja o máximo de espaço para as crianças explorarem e se movimentarem. Alguns materiais que estão na sala já são da instituição, como os ginásios. Nos móveis de arrumação, existem etiquetas com a identificação dos brinquedos correspondentes, para que as crianças vão interiorizando gradualmente o momento de arrumar, ao mesmo tempo que se pedirmos determinado brinquedo, elas também sejam capazes de o ir buscar. A educadora referiu que a arrumação é um passo gradual, requer investimento e tempo.

Quanto à forma como a rotina foi pensada, têm-se constatado evoluções desde o início do ano. Tenta-se que as crianças tenham o momento da manta, com um período de atenção mais alargado e em grupo; relativamente ao almoço, antes verificava-se que as crianças tinham necessidade de almoçar mais cedo, agora pode-se estender um pouco mais o tempo até esse momento. A educadora referiu que a rotina é sempre flexível, mas devemos tentar estar dentro dos padrões horários definidos ao nível institucional.

Dia 30 de Novembro de 2010

A sala possui dois móveis de arrumação. Um deles tem gavetas e armários com prateleiras, onde são guardados talheres, babetes plásticos e de pano, as papas, a fruta, os biberões e copos de água, assim como outros utensílios. O outro móvel é destinado à arrumação dos brinquedos e jogos da sala. Existem puzzles, jogos de encaixe, brinquedos diversos (carros, bonecos de pano, de plástico, brinquedos de exploração sonora), livros, bolas. Existe ainda um bloco de gavetas

de plástico, onde são guardados os “bebés”, loiças e outros acessórios. Na sala estão disponíveis blocos de esponja, destinados ao desenvolvimento da motricidade. A sala possui dois tapetes, um espelho ao nível das crianças e duas mesas circulares.

As paredes da sala possuem uma faixa azul-bebé do chão até meio, sendo a restante cor o branco. As janelas são ao nível das crianças e estão decoradas com figuras como bolas, balões, animais, borboletas, árvores. A decoração das paredes é simples, tendo uma lagarta constituída pelas fotografias das crianças e a equipa pedagógica; um placard com os aniversários; na porta da sala estão os recados para os pais, o mapa de presenças e o calendário mensal; na porta de acesso ao fraldário está afixada uma boneca. Na sala existe ainda um ar condicionado e um rádio.

No momento da sesta, a educadora coloca música calma para as crianças. À hora de almoço, coloca música da rádio e durante o momento de brincar social espontâneo, geralmente coloca CD's de música infantil. As crianças procuram pares para dançar, começam a fazer rodas.

Durante os diversos momentos da rotina, os elementos da equipa demonstram-se atentos às necessidades das crianças. Dão colo, brincam, sentam-se no chão para estar atentas às suas brincadeiras e interações. As crianças procuram os elementos, demonstrando segurança junto deles. No momento de higiene, existe bastante interação entre a educadora e as crianças, para além dos cuidados de higiene, nota-se bastante carinho e afeto.

Algumas crianças já verbalizam o nome de alguns colegas, geralmente as mais velhas. “Ia-ia”(Iara), “Nú” (Núria), “Bé” (Gabriel), “Ca” (Carlos), “Na-na” (Ariana), “Nata” (Renata). Uma das crianças verbaliza o nome dos elementos da equipa da seguinte forma: “Nhã” (educadora), “Adé” (Auxiliar), “Adi” (Auxiliar).

Quando estamos a ver livros do tema dos animais ou a explorar animais de plástico, as crianças produzem algumas onomatopeias e vocalizam alguns nomes de animais – “ão” (cão), “pa” (pato), “balo” (cavalo), “ião” (leão).

A maioria das palavras que produzem estão intrinsecamente ligada ao seu contexto familiar: “mamã”, “papá”, “bô” (avô), “bó” (avó), “ma” (mano/mana), “bó” (bola), “papa” (comida), “popó” (carro), “pato” ou “pa” (sapato), “bebé” (boneco), “aba”/”agu” (água).

Dia 4 de Dezembro de 2010

Coloquei à disposição das crianças outros materiais versáteis: rolos de papel higiénico, rolos de papel de cozinha, caixas de cereais, caixas de papelão, embalagens de amaciador, garrafas, panelas, talheres, colheres de pau. Os materiais alusivos à alimentação levaram as crianças a verbalizar o seu nome (“papa” para a caixa de Nestum), uma criança verbalizou a palavra iogurte para o copo de iogurte e queijo para a embalagem de queijo redonda. Relativamente às embalagens de amaciador e detergentes, as crianças desenroscavam as tampas, colocavam a boca no gargalo, espreitavam para o seu interior.

As caixas de papelão, uma com cerca de 40 x 25 x 10 cm e outra com 50 x 40 x 35 cm suscitaram acções semelhantes entre as diferentes crianças. A maioria das crianças tentava colocar-se no seu interior, com ajuda dos adultos. Uma criança experimentou colocar-se na caixa de menores dimensões e acabou por perceber que não cabia lá dentro. As gargalhadas eram gerais e parecia ser uma atividade bastante divertida. Após várias experimentações das crianças se colocarem no seu interior, as abas foram descoladas, de modo a simular um túnel/passagem. As crianças mostraram também interesse em passar pelo interior da caixa e, mais uma vez, riam-se bastante, mostrando vontade em repetir a passagem várias vezes seguidas. As crianças experimentaram frequentemente experiências de inclusão, tentando colocar as tampas dos detergentes dentro das caixas e caixas dentro de outras caixas. Os rolos de cartão conduziram a acções diversas. Algumas crianças colocavam um rolo em cada braço, levantando os braços no ar, apoiavam o cano de um rolo no chão e andavam como se fosse um apoio, ou mesmo com dois rolos. Várias crianças pegavam nos rolos com as duas mãos e falavam para o interior do cano, duas delas, olhando-se ao espelho. Um menino empilhou três caixas de papelão diferentes, observando-as atentamente. Surgiu uma situação de faz-de-conta, quando um menino colocou um boneco dentro de uma das caixas e verbalizou “Ohoh”.

Relativamente aos materiais alusivos ao lar, como os talheres, colheres de pau e púcaros, observei acções em que a criança dirigia o ato de beber ou alimentar para si mesma, transportando-o em alguns casos para os bonecos, experiência faz-de-conta. Também tive oportunidade de observar uma exploração aberta dos materiais. Por um lado, através da exploração do som produzido pelas acções de chocalhar, bater os materiais uns nos outros, rodar as tampas dos púcaros no chão. Por outro, através da exploração visual pela acção de espreitar para o interior dos púcaros, de espreitar através da rede do coador de natas.

Durante os dias anteriores, observei que o investimento com os materiais da sala, como brinquedos convencionais é diminuto. As crianças limitam-se a fazer as acções que esse objeto proporciona (exemplo: tocar no botão para ouvir uma música, puxar uma alavanca para surgir um boneco, rodar um cubo com diferentes imagens nas suas faces) e depois de

“descobrirem”/desempenharem essas acções abandonam esse objeto. Comparando com o envolvimento das maracas ou com os outros materiais versáteis, as crianças desempenham um conjunto de acções mais diversificadas e os processos de descoberta são mais morosos, revelando mais atenção e interesse na sua exploração.

Dia 16 de Março de 2011

Neste primeiro dia, procurei inteirar-me das rotinas diárias e observar essencialmente como o grupo interagia nos diversos momentos. Comecei desde cedo a colaborar nos momentos da rotina, conversar com as crianças e intervir caso necessário em situações de conflito.

Ao final do dia, pude reunir com a educadora e conversar abertamente. A educadora deu-me a conhecer alguns aspetos mais formais, nomeadamente, as reuniões que são realizadas ao nível do agrupamento, como são realizadas as reuniões de encarregados de educação, como se operacionalizam os projetos ao nível do agrupamento (Plano Anual de Actividades) e de como são propostas e integradas actividades que não estavam previstas inicialmente no PAA (são integradas no PCT da educadora).

Nesta conversa, foram surgindo questões sobre cada criança do grupo, que foram fundamentais para conhecer um pouco da história de cada criança, de quais as suas características pessoais e alguns dos seus comportamentos/acções mais característicos, que poderão ajudar-me a compreender cada uma delas e adequar a minha intervenção.

Conversámos também acerca do modelo pedagógico em que se baseia na sua prática, pelo que a educadora referiu que não é seguido nenhum modelo curricular puramente. Neste momento, a educadora está a participar numa formação sobre o modelo Movimento Escola Moderna, estando numa “fase experimental”, ou seja, num período em que está a implementar alguns dos instrumentos deste modelo pedagógico – mapa de presenças, mapa de actividades, registo do tempo, conselho de turma (realizado à 6ªfeira), diário de turma - “gostei/não gostei”, de modo a verificar quais os instrumentos que resultam na sua prática, com aquele grupo e como se podem efetivamente concretizar. O seu balanço até agora é que alguns instrumentos resultam muito bem.

Dia 23 de Março de 2011

Uma das intervenções para o projecto final consistiu em realizar em grande grupo, um levantamento de interesses das crianças na área da casinha, de forma a enriquecermos aquela área. Observei um forte envolvimento das crianças aquando deste diálogo, uma vez que foi-lhes dada voz na construção do espaço. Foi interessante a discussão suscitada neste momento: algumas meninas referiram que gostavam de ter chuchas, um biberão, mais roupas para os bebés, uma cadeira de transporte do bebé, um micro-ondas e um frigorífico. Na área da mercearia (incluída na área da casinha), um menino propôs que existisse uma caixa “para pagar as coisas” e após a conversa, percebemos que se referia à caixa registadora. Uma menina disse que também tínhamos de ter dinheiro, dizendo que o pai podia imprimir no computador “notas a brincar”. Propusemos que todos fossem trazendo algumas embalagens vazias, pelo que as crianças trouxeram frascos de champô e garrafas de água, para colocar na mercearia. Ponderámos como conseguiríamos ter um micro-ondas e o frigorífico, pois as crianças deram a ideia de comprar, então sugerimos construí-los com caixas de papelão. A educadora referiu que provavelmente tinha uma caixa registadora da sua filha em casa, de quando era pequena.

Dia 28 de Março de 2011

Data e hora:	28 de Março de 2011, 10:00h (aprox.)
Local:	Sala de jardim de infância, Instituição “B”
Contexto de observação:	Área da Casinha e da Garagem – partilha dos novos materiais
Observador:	Estudante Márcia Sousa

As crianças encontram-se a brincar nas diversas áreas. Foram trazidos para a sala alguns materiais, tendo em conta o levantamento de necessidades para a casinha. Foram também trazidos animais de plásticos e um carro telecomandado para a área da garagem. Na área da garagem, as crianças lidavam com o esperar pela vez de brincar com o carro telecomandado. Quatro crianças acabaram por conseguir gerir autonomamente, conversando e discutindo possibilidades, como poderiam utilizar o carro todos, de forma justa. Decidiram uma sequência, embora a questão do tempo que manuseavam o carro fosse a causa do conflito. Neste momento, decidi auxiliar de forma a ser o mais justa possível e conseguiu criar-se um clima positivo de partilha.

Na área da casinha, os conflitos também iam surgindo. Algumas crianças queriam utilizar as mesmas roupas para os bonecos, a cadeira de transporte do bebe, o biberão e a chucha. O

processo de resolução dos conflitos foi diferente. Algumas crianças desistiam e brincavam com outros brinquedos. Outras crianças, conseguiam autogerir a utilização destes materiais, compreendendo o valor da sua acção para a outra criança. Embora fossem por vezes um pouco relutantes e só conseguissem compreender quando eu ou a educadora intervínhamos, as crianças conseguiram compreender que era necessário partilhar.

Dia 30 de Março de 2011

Ao reunir com a educadora no final do dia, conversámos sobre a organização do espaço e dos materiais da sala, assim como de como pensou a rotina.

As áreas estão identificadas com cartões A4, nos quais existe um número limite de crianças, com o número correspondente de pedaços de velcro, onde colam os cartões.

Esta gestão foi negociada com as crianças no início do ano, tendo passado por fases experimentais, em que se estudava os números limite de criança e como funcionava essa gestão, de modo a minimizar os conflitos. Sempre que se criou uma nova área, o processo foi o mesmo, sendo que agora isso está a acontecer na área da Bonecada, em que as crianças propuseram o número limite ser 4, o que até agora está a resultar.

As crianças brincam no exterior sempre que o tempo o permite, todas as manhãs, após o almoço e à tarde, na Componente de Apoio à Família, sendo que estes intervalos coincidem com os toques de campainha para o 1º ciclo. Também surgiu a necessidade de criar mais áreas. Inicialmente a área da Garagem reunia vários materiais de construção, contudo, surgiu a necessidade de se criar uma área para além desta, com alguns jogos de construção, a que a educadora chamou de área dos jogos de tapete, pelo facto de serem muitas crianças na mesma área e surgirem conflitos.

No que respeita à transportação de materiais para outros espaços da sala, a educadora tenta que isso não aconteça, de modo a não perturbar as actividades de outras crianças, mas por vezes, na área da Casinha, deixa que as crianças conduzam os carrinhos de bebe pela sala.

Quanto à arrumação dos materiais, por exemplo na área dos jogos de mesa, as prateleiras estão identificadas com cores e os respetivos jogos também, de modo a que as crianças arrumem corretamente os materiais.

Quando é momento de arrumar a sala, após as actividades livres, cada grupo fica responsável pela arrumação da área onde brincou, tenta-se que as crianças não arrumem apenas o que desarrumaram. Geralmente, os ritmos das crianças assemelham-se, o que auxilia num

planeamento da rotina estável, não obstante de ser alterado em função do ritmo individual de cada um.

A rotina já estava definida institucionalmente, contudo, é muito flexível. A educadora referiu que existem muitas actividades do agrupamento, algumas com o 1º ciclo, o que influencia a gestão do tempo e do que se trabalha com as crianças. O facto da planificação não ser por temas facilita esta gestão. Todos os dias, a educadora planeia o dia com as crianças em momento de grande grupo, dando a conhecer as suas propostas.

Uma das alterações da rotina foi surgiu do grupo – fazer o momento da hora do conto à tarde, o que acabou por “dosear” um pouco os momentos de leitura, pois existe o Projecto vai e vem, que é trabalhado todas as segundas-feiras de manhã.

Na sua globalidade, as crianças demonstram autonomia na escolha da área para onde querem ir no momento de actividades livres, assim como na sua higiene, alimentação, utilização e arrumação dos materiais.

Conversámos acerca das diferentes interações que se estabelecem, chegando à conclusão que as crianças têm diversos parceiros de brincadeira, dependendo da atividade que escolham, estabelecem interações com outras crianças de outras salas no exterior e com os adultos da instituição.

Debatemos também a questão das dinâmicas de trabalho que a educadora põe em prática. Geralmente, existe um pequeno grupo que desenvolve algum tipo de atividade orientada pela educadora, enquanto as restantes crianças brincam nas áreas. Quando alguma criança desse pequeno grupo termina a atividade, outra que está nas áreas é chamada. As actividades orientadas pela educadora eram muito frequentes na prática desta profissional, sendo que algumas surgem tendo em conta os interesses das crianças. As que são propostas pela educadora permitem a efetiva participação das crianças, permitindo a troca de ideias e opiniões, a colaboração das crianças nas mesmas, o seu envolvimento, através de comentários das crianças acerca de histórias, por exemplo na hora do conto.

Dia 26 de Abril de 2011

Data e hora:	26 de Abril de 2011, 15:00 horas
Local:	Sala de jardim-de-infância, Instituição “B”
Contexto de observação:	Área da Casinha
Intervenientes: Idade:	Gabriela, 6anos; Telma, 6anos; Sandra, 6anos; Diana, 5anos; Mariana, 6 anos;
Observador:	Estudante Márcia Sousa
Objectivo da observação:	Observar as experiências das crianças na dimensão do fazer-de-conta
DESCRIÇÃO: As crianças estavam a “brincar às mães”(tal como me referiram quando lhes perguntei que brincadeira estavam a ter). Cada uma tinha um boneco e tratava dele, vestindo a roupa, dando comida à boca, pondo no carrinho, na cadeira de transporte. Gabriela: “A minha vai dar um passeio” (Gabriela) Ajudei uma das meninas a por a fralda. Gabriela: “Nós vamos dar um passeio, queres vir connosco?” (falando com a Telma) Andam com o carrinho e com a cadeira de bebé, cada uma, pela área da biblioteca. Telma: “Agora tu convidavas-me para ir à tua casa com a minha bebé”[mudança de discurso] A outra criança não responde e continua com as suas acções de cuidado com o boneco. A Gabriela sai desta área e entra a Sandra no seu lugar. A Sandra junta-se à brincadeira. Também tem um “filho”. Pede-me para ir buscar uma chave que tem na mala que a mãe lhe deu para brincar. Quando chega, utiliza a chave e finge estar a entrar em casa, fazendo o som “Txic txic” e rodando a chave na porta imaginária. A Telma estava a fazer jogos com o bebé, fazer cócegas, bater palmas e falar maternalês. Começou-se outra brincadeira, às 15:10h. A Diana era a médica. Sentaram-se na mesa da casinha. A Sandra sentou-se na cadeira com o bebé e disse “Quero falar com você. Sr. doutor você é médico de quê?”. Diana: “Tinhas de deitar o bebé aqui” [mudança de discurso dirigido à Telma] Eu: “Estão a brincar aos médicos de quê?”, “Dos bebés”, responderam. Eu: “Hum... aos pediatras...” Não interfeiri na brincadeira. Diana: “Meta lá aqui o seu bebé. Tá a ver aqui (apontando para as costas) tá a sair sangue. Vai levar uma injeção aqui (apontando para as costas e simulando dar a injeção)” Eu: “Está bem disposto ele?” Diana: “Sim, ele já não chora”. “Já pode ir embora” (dirigindo-se para a Sandra) Ao meu lado, estava a Sandra, dizendo que estava à espera para entrar também. Quando se sentou na cadeira que se destinava ao “utente” disse: “Hoje à noite teve cheio de febre, diarreia e ele não percebia nada...” Diana: “Ele precisa de remédios, supositório e uma injeção. Precisa de dormir. Ele tem alguma coisa nos ouvidos?” Sandra: “Sim, tem ceras”	

“Txic (a ver os ouvidos, fingindo utilizar um utensílio)” (...) “Vamos medir o bebé (colocando-o num carrinho). Tem 1 metro e 20.”

A Sandra preparava-se para sair e lembrou-se: “O dinheiro! São quantos euros?”

Diana: “1.”

Neste momento a Mariana foi buscar as notas de brincar e a Sandra agradece.

Sandra: “Venho outra vez amanhã!”

Diana: “Amanhã vem as sete horas para fazer o tratamento. Ele vai ser operado...”

Sandra: “Ah, então tenho de trazer a mala...”

Diana: “Susana pode entrar...o que tem o seu bebé?”

Mariana: “Dói a garganta e tem cera nos ouvidos.”

Diana: “Vai precisar de supositório, uma pica, xarope e pingos de limão”

A Sandra ao meu lado estava a falar ao telefone. Liga para o 112. “O meu filho está muito mal, tem um elogio (penso que se referia a hemorragia)! É uma emergência rápida! Eu moro no Areias, nº 201 sabe onde é?”

Mudam de brincadeira.

Mariana: “Olha eu estava grávida tá bem? Ele ainda não nascia” [mudança de discurso]”

Diana: “Deite-se aqui. (simula estar a fazer a palpação da barriga, com dois dedos)”

Eu: “Lá no médico das grávidas como é que eles veem os bebés e depois conseguem dizer se é menino ou menina, se são gémeos...”

Diana: “Precisam de um computador”

A Mariana vai buscar o telefone e puxa um móvel. A Diana movimenta o auscultador do telefone pela barriga da mãe, simulando estar a fazer uma ecografia.

A brincadeira continua até as 15.30h.

Dia 9 de Maio de 2011

Data e hora:	9 de Maio de 2011, 14:40 (aprox.)
Local:	Sala de jardim-de-infância, Instituição “B”
Contexto de observação:	Área da Casinha (neste dia, o limite de crianças na área foi de 5, em vez de 4)
Intervenientes: Idade:	Luísa,6anos; Mariana, 6anos; Filipa, 6anos;Beatriz, 5anos;Rute 6anos
Observador:	Estudante Márcia Sousa
Objetivo da observação:	Observar as experiências das crianças na dimensão do faz-de-conta após a colocação de novos materiais
As crianças estavam a explorar os novos materiais trazidos para a área. A Mariana estava a fazer chá, na máquina de café que tinha trazido para a sala, e a Filipa estava à espera com o tabuleiro na mão. Passados uns instantes, esta brincadeira conduziu a outra. A Mariana criou um novo cenário. Puxou as cadeiras da mesa desta área e uma cómoda onde guardam as roupas dos bonecos, fazendo uma área quadrangular (do lado	

oposto às cadeiras, estava a janela) e do lado oposto à cómoda o mobiliário de cozinha). A criança estava no interior desta área e disse: “Isto é a minha loja e isto tudo é o balcão (apontando para a cómoda)”.

Eu: “*É uma loja de quê?*”

Mariana: “*Café, gelados, sumos...Mas alguém tinha de vir aqui comprar coisas!* [mudança de discurso]”, mostrando um sentimento de frustração, pela sua expressão facial, pois as outras crianças pareciam estar interessadas com outras coisas.

Beatriz: “*Quero um gelado.*”

Mariana: “*Agora Filipa, tu podias vir aqui, mas não podias vir aqui dentro...*”

A Filipa não correspondia à Mariana e respondeu-lhe exaltada: “*Não quero!! Agora estou no hotel!*”. A brincadeira prosseguiu com a Beatriz.

Beatriz: “*Agora é um chá, fahavor*”

Enquanto a Mariana fazia o chá, eu sugeri ir buscar bolos, dizendo que normalmente também existem bolos nestes sítios. A Beatriz correu para a área da mercearia para ir buscar os bolos de brincar e deu-os à Mariana, dizendo-lhe para ela colocá-los na prateleira.

Retomou-se a brincadeira e a Rute aproximou-se do “balcão”.

Mariana: “*Olhe, tem bolos, pão, queijo...*” (dizendo à Rute)

Rute: “*Hum... quero pão com manteiga e chá. Tem de entregar à mesa!*”

A Mariana foi preparando o pão, barrou-o com manteiga e levou-a à mesa, juntamente com um copo (chá). Usou o tabuleiro para transportar tudo.

Dia 10 de Maio de 2011

Data e hora:	10 de Maio de 2011, 14:40h (aprox.)
Local:	Jardim-de-infância Rosa dos Ventos
Contexto de observação:	Área da Casinha
Intervenientes: Idade:	João, Tiago, Miguel e Luís 6 anos (todos)
Observador:	Estudante Márcia Sousa
Objetivo da observação:	Observar as experiências das crianças na dimensão do faz-de-conta, após a colocação de novos materiais

Primeiro começaram por estar o João e o Tiago nesta área e, só mais tarde, entraram o Miguel e o Luís, cerca de 10 minutos depois.

O João estava a usar a máquina de café. De seguida, vestiu o avental e colocou a pega na mão. De início, as duas crianças não brincavam em conjunto.

O João estava a preparar uma sandes e foi colocá-la em cima da mesa. O Tiago estava ao pé da mesa e pegou na ementa, dizendo que queria um doce, apontando para a imagem. O João foi preparar o que ela tinha pedido, mas logo depois de servir um bolo de chocolate de brincar, saiu da área. O Tiago vestiu o avental, dizendo que era o cozinheiro.

Entraram na área o Luís e o Miguel. O Miguel foi para a zona do lava-loiça, lavar a loiça.

O Tiago perguntou ao Luís: “Queres um *cafenaido* [*descafeinado*]?”

Luís: “Sim. Também quero um queque.”

O Tiago foi buscar o queque à mercearia e serviu um copo (café descafeinado). O Luís fez o gesto de trincar o queque. Passado uns segundos levantou-se e disse: “Agora sou eu o cozinheiro, tá bem?”. O Tiago despiu e deu-lhe.

Luís: “Vou fazer panquecas!”. Estava muito entusiasmado. Pegou numa panela, dirigiu-se à mercearia para ir buscar um alimento que se assemelha a uma panqueca e estava a atirá-lo ao ar, apanhando com a panela. Após esta acção, as crianças abandonaram a área.

Através da interpretação deste momento, é de ressaltar que o João, o Tiago e o Luís, não costumam brincar nesta área. A área onde é hábito estarem todos os dias é a do computador e/ou a da garagem. Neste dia, estas áreas estavam ocupadas por outras crianças.

Outro aspecto importante: penso que o que despoletou o interesse em estarem nesta área foi a presença de novos materiais: o avental, a pega e a ementa. Isso revelou-se pela forma como as crianças exploraram esses materiais e nas suas acções. De início, o Tiago e o João não estavam a brincar juntas, não encadeavam acções inerentes ao ambiente que se pretendia retratar, o restaurante ou o café, por exemplo, pedir e servir. Desta forma, o modo como se apropriaram dos materiais e pelo pouco tempo que permaneceram na área, remexendo os materiais e andando pelo espaço, sem, aparentemente, alguma motivação ou ideia para a brincadeira, leva-me a crer que a brincadeira não foi suficientemente significativa e que a presença nesta área deveu-se ao fator novidade.

O Luís teve uma acção muito interessante quando representou como se fazem panquecas, recriando uma realidade que pode ter observado na televisão ou mesmo no contexto familiar.

O Tiago invocou um termo próprio do ambiente café, o *descafeinado*. Estes pormenores relevam que conhece da sua realidade próxima este termo, sabendo onde se pode beber o descafeinado e que é necessária uma máquina de café para o fazer.